

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

ANA LÚCIA DE SANT'ANA FERRARI

**Meu Professor Inesquecível: um estudo sobre as características da atuação
do professor de Educação Física**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

SÃO PAULO – SP

2007

ANA LÚCIA DE SANT'ANA FERRARI

Meu Professor Inesquecível: um estudo sobre as características da atuação do professor de Educação Física

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação: Psicologia da Educação, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Laurinda Ramalho de Almeida.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo

2007

Banca examinadora

Dedicatória

Aos meus avós, Firmo (in memoriam) e Emilia, meus primeiros professores, meus “pais” e meus “amores”, inesquecíveis e fundamentais em minha vida.

Aos meus amados pais, Ariadne e Ricardo M., pela força, cuidado, amor e principalmente por acreditarem, investirem e confiarem em meus passos.

Aos meus irmãos, Larissa, Ricardo, Dennys e Nathalia, pelo sorriso e amor incondicional.

Ao meu noivo, Cesar, pelo companheirismo, amor, compreensão, cuidado e apoio em todos os momentos de minha vida.

À minha querida Lili, pela companhia fiel.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, por permitir que hoje eu possa estar realizando mais um sonho, por me dar saúde, força e iluminar meus caminhos.

Às queridas professoras, Dr^a. Abigail e Dr^a. Laurinda, minhas orientadoras que me acolheram, me incentivaram, respeitaram meus desejos, muito me ensinaram e estiveram comigo durante o desenvolvimento desta pesquisa.

À professora Dr^a. Mitsuko Aparecida Makino Antunes, pelas valiosas sugestões por ocasião do exame de qualificação e por suas aulas nas quais pude aprender, além do conteúdo, como ser uma professora que marca positivamente seus alunos.

À professora Dr^a. Maria Regina Maluf, por sua atuação comprometida e afetiva ao ensinar.

A Irene e Helena, secretárias do programa, pela atenção, dedicação e carinho que tiveram comigo em todos os momentos.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro.

Aos ex-alunos que participaram desta pesquisa e muito contribuíram.

A Rosiris, pela atenção, paciência e cuidado nas correções.

À minha querida amiga Thatiana, por me apresentar o programa de Educação: Psicologia da Educação e por me incentivar a fazer a prova de ingresso.

À minha querida primeira professora de ballet, Cecília, dedicada, amorosa com as alunas e apaixonada pela profissão, que despertou em mim o amor pela dança.

À minha professora de jazz, Rita, que acreditou em mim e valorizou cada movimento meu.

À minha querida amiga e ex-professora Tânia, pela atenção e incentivo.

À minha ex-professora Marilda, por sua disponibilidade em ajudar e por acreditar em mim.

Ao meu ex-professor Eduardo, pelo incentivo.

Ao professor Flavio, pelo interesse e vontade de colaborar.

Aos queridos Alechsandre, Celeste e Luciene, amigos que fiz durante o curso e juntos passamos momentos inesquecíveis; pessoas especiais que certamente me acompanharão em muitos outros momentos.

Às queridas Alda, Luciana, Regiane, Tânia, Vera e Zildene, pelo carinho, atenção e ajuda em todos os momentos durante o curso.

Aos meus futuros sogros, Leopoldo e Damaris, meus futuros cunhados, Marcelo e Samara, e minha afilhada Thalyta, pelo apoio e compreensão da minha ausência durante essa trajetória.

A todos os meus ex-professores inesquecíveis que me marcaram positivamente e me encorajaram a chegar até aqui.

Em especial à minha família preciosa, ao meu noivo e à minha Lili, por cuidarem de mim no momento mais difícil da minha vida.

A todos que direta ou indiretamente participaram da elaboração deste trabalho.

Obrigada.

“Naquele tempo, a escola me dava tanto quanto em outras épocas só me deram os livros. Aquilo que eu aprendia de viva voz dos professores, conservava como imagem de quem dizia, e em minha memória assim ficou gravado para sempre. Mas, se havia também professores dos quais eu nada aprendia – mesmo assim eles deixaram sua impressão por si próprios, por sua figura peculiar, seus movimentos, sua maneira de falar, e, sobretudo, por sua antipatia ou simpatia, conforme o que sentíamos”.

“A multiplicidade dos professores era surpreendente; é a primeira diversidade de que se é consciente na vida”. (CANETTI, 1987, pp. 172-174)

FERRARI, A. L. S. (2007). Meu Professor Inesquecível: um estudo sobre as características da atuação do professor de Educação Física. Dissertação de mestrado, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

RESUMO

O foco desta investigação é o professor do curso de graduação em Educação Física, a partir da ótica de seus ex-alunos. A questão proposta para o estudo foi: Quais as características da atuação de professores que marcaram positivamente ex-alunos da graduação em Educação Física? Os dados foram coletados a partir de entrevistas com quatro ex-alunos da graduação em Educação Física de uma Universidade particular do Estado de São Paulo. A análise do conteúdo foi feita a partir de seis categorias: razões da escolha profissional, o professor lembrado, características pessoais do professor, características de atuação do professor, marcas deixadas na vida pessoal do aluno e marcas deixadas na vida profissional do aluno. O referencial para a análise foi a teoria de desenvolvimento de Henri Wallon, dando realce à afetividade que permeia o processo ensino-aprendizagem. Os resultados indicaram que os professores que deixaram marcas em seus alunos foram aqueles que exerceram uma mediação positiva entre o aluno e o conteúdo ensinado, demonstrando conhecimento sobre sua disciplina, capacidade de transformar esse conhecimento em ensino, gosto pela profissão e respeito pelo aluno. Características, como bom-humor, simpatia, dedicação, apareceram também nos depoimentos, mas a característica mais enfatizada foi o conhecimento da disciplina. Os resultados da investigação poderão servir como subsídios para o desempenho e propostas de formação de professores de Educação Física.

Palavras-chave: afetividade, professor de Educação Física, teoria Walloniana.

ABSTRACT

The present investigation is focused on Physical Education College professors from their former students' point of view. The proposed question for this study was the following: What are the characteristics of professors' performance that left positive marks on Physical Education College former students?

The data were collected from interviews with four Physical Education College former students from a private university in São Paulo state. The analysis of the content was made upon six categories: reasons for choosing that profession, the remembered professor, the professor's personal characteristics, the professor's performance, marks that were left on personal and professional student's life.

The reference to the analysis was Henri Wallon's theory of development, highlighting affectivity, which guides the teaching-learning process.

The results showed that the professors who left marks on their students were the ones who developed a positive mediation between the student and the content taught, by showing their knowledge of the subject, their ability to turn that knowledge into teaching, passion for teaching and respect for their students.

Characteristics like good-temper, kindness and devotion were also pointed out by the interviewed students, but the most emphasized one was the professor's knowledge of the subject.

The results of this investigation will provide subsidies for professors' performance and propositions for Physical Education professor's education.

Keywords: affectivity, Physical Education professor, Wallon's theory.

SUMÁRIO

Introdução	13
I – O que revela a literatura sobre o professor e sua atuação	18
II – Por que Wallon como referente teórico	30
2.1 Emoção e afetividade.....	32
2.2 Desenvolvimento integral da pessoa.....	33
2.3 O papel do professor.....	37
III – Procedimentos metodológicos	41
3.1 Quanto ao instrumento.....	41
3.2 Quanto à escolha dos participantes.....	42
3.3 Quanto à realização das entrevistas.....	44
3.4 Quanto ao procedimento para análise e discussão dos dados.....	45
3.5 Como chegamos ao quadro?.....	45
IV – Análise e discussão dos dados	48
4.1 Quadro de Luci.....	49
4.1.1 Análise do quadro de Luci.....	53
4.2 Quadro de Lívia.....	59
4.2.1 Análise do quadro de Lívia.....	64
4.3 Quadro de Luís.....	67
4.3.1 Análise do quadro de Luís.....	72
4.4 Quadro de Eva.....	76
4.4.1 Análise do quadro de Eva.....	80
4.5 Conclusão.....	86
V – Considerações finais	89
Referências bibliográficas	94

Anexos	98
Anexo A – Roteiro da entrevista.....	99
Anexo B – Entrevista com Luci.....	100
Anexo C – Entrevista com Lívia.....	105
Anexo D – Entrevista com Luís.....	107
Anexo E – Entrevista com Eva.....	113

“[...] Eu não estou aqui sozinha e se hoje recebo esta comenda, eu não recebo sozinha. Há momentos em que os anos vividos nos obrigam a olhar em volta e fazer uma revisão das nossas perdas e dos nossos ganhos. Se hoje eu estou sendo agraciada com a mais alta condecoração de nosso País por generosidade de Vossa Excelência, Senhor Presidente, é porque sou resultado de muitas influências e convivências. Centenas de companheiros e personagens me formaram, me educaram e estão comigo sempre.

[...] Lembro especialmente, com muito carinho, de Dona Carmosina Campos de Menezes. A professora que me alfabetizou. E mais do que isso, me ensinou a ler, o que é um degrau acima da alfabetização. Naquele tempo, as professoras ainda se chamavam Carmosinas, Afonsinas, Ondinas... Busquei na memória a figura de Dona Carmosina para me aproximar da Professora Dora.

[...] Penso que a minha vocação de atriz foi sensibilizada a partir das leituras em voz alta, leituras muito exigidas, cuidadas, orgânicas, que nós, alunos, fazíamos usando livros de Português do antigo curso primário”.
(Fernanda Montenegro, atriz, in DUARTE, 2002, p.51)

INTRODUÇÃO

Queridos, marcantes e inesquecíveis professores, que durante minha trajetória escolar mostraram com seus exemplos e sua conduta que sempre há muito mais para se conquistar, despertaram em mim a vontade de ser professora e de me aprimorar cada vez mais, para que, como eles, pudesse um dia transformar pessoas, influenciar positivamente outros alunos, como havia acontecido comigo. São especialmente responsáveis por minha busca constante de aperfeiçoamento profissional e pessoal. Foi com essa vontade que cheguei ao Programa de Educação: Psicologia da Educação da PUC-SP, com o objetivo de estudar o professor.

Durante o meu primeiro semestre no Programa, com a alegria de aluna recém-chegada ao mestrado, em uma das aulas, tive a oportunidade de ler um discurso da atriz Fernanda Montenegro ao receber a condecoração Gran-Cruz da Ordem Nacional do Mérito, e essa leitura reforçou ainda mais a minha vontade de obter respostas a respeito do professor.

Quem de nós não se lembra de um professor que deixou marcas em sua vida? Quem de nós não teve um professor inesquecível?

Desde o início de minha vida escolar e acadêmica, convivi com diversos professores: na escola, nos cursos de ballet, piano, natação, inglês; enfim, foram tantos que não cabe aqui nomear todos. De muitos deles guardo recordações, algumas vezes positivas, outras nem tanto. Professores que marcaram minha vida, minha personalidade e minha profissão, tornando-se motivo de grandes questionamentos.

Inicialmente não pensava em ser professora; estudei teatro, fiz curso técnico em turismo e continuava sentindo que me faltava alguma coisa. Pensei então em cursar Educação Física. Iniciei esse curso em 2001 e no mesmo ano, tive a oportunidade de trabalhar como professora num curso para guia de turismo numa universidade particular do Estado de São Paulo. O curso era gratuito para jovens e

adultos que tivessem concluído o Ensino Médio em escolas da rede pública estadual.

No dia-a-dia com esses alunos, cada pequeno aprendizado era uma vitória para mim. Não posso dizer quem aprendeu mais, se foram eles ou eu; acho que aprendemos juntos.

A partir de então, nunca mais consegui deixar de ser professora. No entanto, infelizmente o programa foi encerrado pelo Governo do Estado e fui trabalhar em um colégio particular do Estado de São Paulo como professora de Educação do Movimento para alunos do Jardim I, Jardim II e Pré-escola. Trabalhei nessa escola por três anos e depois fui para um outro colégio para dar aulas de ballet. Sempre fui bailarina e a atuação na dança me realizava como profissional.

Percebi que ser professora é algo especial e não me vejo em outra profissão. Ser professora é minha maior alegria.

Para Rohrbacher (2005), os professores são considerados como uma referência; em alguns momentos, são até mitificados. São os grandes responsáveis por alegrias e tristezas, sucessos e fracassos da história de cada aluno. Tornam-se exemplos por tudo o que fazem, posturas que assumem, relações que estabelecem e não somente pelo que conhecem. Para a autora, os professores às vezes possuem tanta ou mais responsabilidade do que algumas pessoas da família, em função do tempo de contato efetivo que têm com os alunos.

Considerar as marcas deixadas pelo professor em seus alunos como objeto de estudo era uma proposta valiosa para mim: entretanto, é necessário um recorte, por ser um trabalho de mestrado.

Que professor estudar?

Em que contexto estaria ele inserido?

Fiz uma reflexão acerca dos professores que já tive, e percebi que foi durante os quatro anos de meu curso de graduação em Educação Física que o professor

tornou-se realmente alvo de minha total atenção, pois ali, durante cada aula, eu também me tornava professora. Dessa forma, observava a postura, a prática, o conteúdo, o modo como era transmitido, o jeito, o olhar, enfim, os professores passaram a ser para mim um objeto de observação, um espelho em alguns casos, e em outros, a certeza de não querer reproduzir aquele modelo. Sendo assim, decidi estudar esse professor do curso de graduação em Educação Física a partir da ótica de seus ex-alunos, pois eles estavam, assim como eu, em processo de formação; seriam futuros professores, e a análise, do ponto de vista deles, poderia trazer informações sobre o que marcou positivamente sua vida e sua profissão, ou seja, as influências deixadas.

A minha inquietação, ao me lembrar de professores tão diferentes entre si, mas que deixaram marcas, levou-me a fazer as mesmas perguntas de ROHRBACHER:

“Por que com alguns professores conseguimos transcender os limites da matéria, ou área de conhecimento e com outros, é tão complicado compreender as noções básicas da disciplina? Por que alguns, apesar de pouca titulação são tão brilhantes? E aqueles que tecnicamente são perfeitos, mas acabado o curso ninguém lembra deles? E aqueles que se tornam responsáveis por grandes aprendizados que nos acompanham pela vida toda, o que os fez tão marcantes? O que nos aproxima de uns e nos afasta de outros?” (ROHRBACHER, 2005, p.16)

Proponho então, para meu estudo, a seguinte questão: Quais as características da atuação de professores que marcaram positivamente ex-alunos da graduação em Educação Física? Acredito que a busca de respostas a essa pergunta poderá trazer informações importantes para uma reflexão a respeito da formação de professores e o desempenho de professores de Educação Física.

Quando escolhi falar do professor marcante, pensei que essas marcas estão ligadas a tudo o que afeta o outro; assim, a afetividade está diretamente envolvida neste estudo. “*Afetividade refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis*”. (MAHONEY E ALMEIDA, 2005, p.19).

Optei pelos conceitos e princípios da teoria de desenvolvimento de Wallon para fundamentar a discussão da questão proposta, dando realce à afetividade que permeia o processo ensino-aprendizagem.

O instrumento utilizado para esta pesquisa foi a entrevista. Serão participantes desta pesquisa quatro ex-alunos do curso de graduação em Educação Física de uma Universidade particular do Estado de São Paulo.

"Tive um professor muito especial. (...) Em uma de suas aulas, eu desenhava uma rosa. Quando ele viu o esboço, me deu dinheiro e disse: Vá até a floricultura mais próxima, compre uma flor, olhe muito para ela e aí, sim, comece a desenhar. Foi esse professor que me ensinou uma regra básica, que sigo até hoje. Apesar de dispor de toda a tecnologia necessária, antes de executar qualquer trabalho, observo muito, todos os detalhes. Acho que esse é um dos meus segredos para fazer uma boa vinheta". (Hans Donner, designer, in: Portal Educacional).

I – O QUE REVELA A LITERATURA SOBRE O PROFESSOR E SUA ATUAÇÃO

Ao pensarmos nos professores cuja atuação marcou positivamente seus ex-alunos da graduação em Educação Física, compreendemos que essas marcas podem ser positivas ou negativas. A afetividade, no que se refere à relação com o outro, pode ser positiva ou negativa. Neste estudo, optamos por enfatizar apenas as marcas positivas que os professores deixam em seus ex-alunos, considerando a importância de pesquisarmos sobre o positivo e assim, talvez, podermos contribuir para a reflexão de nossa prática.

O critério para desenvolver a revisão de literatura foi o de agrupar textos que de alguma forma colaboraram para esta pesquisa, e descrever como foi realizado cada um desses trabalhos para que o leitor tenha o máximo de informações sobre eles.

Ao consultar a bibliografia, constatamos que nem sempre aparece a palavra “professor marcante”; por isso, termos como: professores inesquecíveis, competentes, qualificados, bons e ideais também foram aceitos para o desenvolvimento desta pesquisa.

O primeiro trabalho encontrado foi o de Cunha (2004) em que, a partir de um questionário aplicado a alunos concluintes de diversos cursos, conseguiu respostas sob o ponto de vista dos alunos sobre quem seriam os bons professores. Identificou 21 professores e foi até eles buscar suas histórias de vida.

Verificou que a idéia de bom professor é variável entre as pessoas porque contém em si a expressão de valor. “*Os nossos bons professores são os melhores dentro de uma concepção de educação, de ensino e de aprendizagem. Se essas concepções forem alteradas o conceito de bom professor certamente também o será*” (CUNHA, 2004, p.169).

Afirmou que mesmo na perspectiva da sociedade em que vivemos, os alunos reconhecem no professor não só a capacidade de ensinar conhecimentos

especializados, mas também a tarefa de transmitir, de maneira consciente ou inconsciente, valores, normas, maneiras de pensar e padrões de comportamento que contribuem eficazmente para a permanência da vida social. Para os alunos, as relações dentro da sala de aula são os aspectos mais ressaltados.

Quando os alunos verbalizam o porquê da escolha de um determinado professor como bom, enfatizam aspectos afetivos, sem esquecerem o conteúdo. Utilizam expressões, como: “é amigo”, “compreensivo”, “se preocupa conosco”, “é disponível”, “justo”, “sabe ensinar”, entre outras.

A autora nos mostrou que a influência de atitudes positivas de ex-professores é lembrada por 70% dos participantes. Estes afirmam que seus comportamentos docentes têm relação com a prática pedagógica vivenciada com esses mestres, não só relacionados ao domínio do conteúdo, mas também no sentido de exemplos de honestidade e amor à profissão.

Apareceram em sua pesquisa depoimentos, como:

“Dois dos meus professores na Medicina me influenciaram muito - ambos de Neurologia. O interessante é que os dois eram completamente diferentes. Um era aquele professor seguro, tradicional, distante. O outro, mais jovem, chegava-se muito a nós. Para ele, parecia que o aluno era o mais importante. Tentei pegar o que de bom havia nos dois para construir meu desempenho...”.

“Os professores que me marcaram foram aqueles que interferiram na minha forma de ver o mundo, nas relações...”.

As marcas, como já dissemos anteriormente, não são apenas positivas; alguns respondentes comentaram sobre os professores que marcaram negativamente e afirmaram que com seus alunos tentam não repetir atitudes que foram negativas para eles.

“Meu comportamento docente é muito afetado pela minha história como aluno. Acho até que a maior influência paradoxalmente é a do antiprofessor. Procuo não repetir o que ele fazia e pensar muito no professor que eu gostaria de ter tido...”

Para Cunha (2004), o importante foi constatar que os professores “de hoje” apresentam um comportamento bastante influenciado pelos antigos e podem influenciar os que virão.

Sendo assim, pensamos que a reflexão sobre a prática é importante para que o professor possa se conscientizar e perceber se está reproduzindo comportamentos negativos, e mais além, se está influenciando futuros professores a agirem dessa maneira.

“É de sua história enquanto aluno, do resultado da sua relação com ex-professores que os bons professores reconhecem ter maior influência. Em muitos casos esta influência se manifesta na tentativa de repetir atitudes consideradas positivas. Em outras, há o esforço de fazer exatamente o contrário do que faziam ex-professores considerados negativamente. De qualquer forma, no dizer dos nossos respondentes, a maior força sobre seu comportamento docente é a do exemplo de seus ex-professores”.

(CUNHA, 2004, p.160)

O estudo de Cunha (2004) contribuiu para esta pesquisa, pois confirma a importância da qualidade da relação professor-aluno e da afetividade que se apresenta no reconhecimento de que o bom professor se preocupa com a aprendizagem de seus alunos, com a participação de todos nas atividades, torna as aulas atraentes e estimulantes, e principalmente acredita nas potencialidades dos alunos.

Pimentel (2005), em seu livro “O Professor em Construção”, também investigou quem são os professores considerados bem sucedidos pelos alunos e como é a sua prática. Diferente de Cunha (2004), os 14 professores escolhidos nesse estudo haviam sido apontados de modo espontâneo em uma pesquisa anterior por estudantes concluintes da graduação, e confirmados pelos coordenadores do curso de uma Universidade de Campinas, como altamente qualificados para as funções docentes.

Seu trabalho foi apontado por Newton César Balzan, orientador de sua pesquisa, no prefácio de seu livro “O professor em construção”, como um estudo brilhante e uma continuação do trabalho desenvolvido por Cunha (2004): “O bom professor e sua prática”.

Pimentel (2005) afirmou que perguntas, como: o que leva um professor a se comprometer com o seu fazer, e o que faz para ser considerado um professor bem sucedido por seus alunos e seus pares levaram-na a investigar essas questões.

Para a autora, a formação do professor se realiza enquanto ensina. Em sua pesquisa, procurou identificar, entre outros aspectos, quem são e como é a prática dos professores que foram considerados bem sucedidos por seus alunos. Pimentel concluiu que todos os professores pesquisados têm o domínio do conhecimento amplo, profundo, atualizado e o domínio das habilidades didáticas. A grande maioria dos professores cita, pelo menos no início da carreira, professores que são ou foram seus modelos.

Perceber que os alunos valorizam o professor que se preocupa com eles e com seu desenvolvimento integral, que planeja as aulas, reflete, estuda, exerce sua profissão com responsabilidade é um grande alívio, pois desse modo, fica imediatamente descartada a idéia de que o bom professor é o “legal”, o “bonzinho” ou o “permissivo”. Um bom professor não tem a obrigação de saber tudo, porém deve procurar se atualizar para dar o melhor de si e extrair o melhor dos alunos.

Concordamos com a autora quando afirma que a formação do professor se realiza enquanto ensina. Por melhor e mais completa que tenha sido sua formação, é no dia-a-dia, no seu fazer que irão ocorrer as mais variadas situações, nas quais o professor poderá observar o que está dando certo e o que precisa ser modificado.

Abramovich (1997), em seu livro “Meu Professor Inesquecível”, convidou 11 escritores e pediu para que cada um deles falasse sobre o seu professor inesquecível. Poderia ser qualquer professor, desde o jardim da infância até a universidade, ou ainda algum professor de curso extraclasse ou da família. O importante era que esse professor fosse lembrado por ter deixado marcas e ter sido o melhor ou o pior.

A própria autora escreveu no prefácio do seu livro que através da sua leitura, poderíamos repensar o papel do professor na vida de cada um e acrescentou: “*Cada professor, mestre, ensinante escolhido ficou na memória por décadas por ter sido um modelo, uma referência marcante e clarificadora de como ser...*”.

Gomes e Mendes (1999) realizaram um estudo com 129 alunos que tinham como característica comum estarem na fase inicial de estudos na área do conhecimento pedagógico, e como objetivo, extrair características de “bons professores”, agrupando-as em seis grupos:

- características pessoais;
- relação do professor com o conhecimento;
- comportamento;
- avaliação;
- metodologias;
- motivação para o aprendizado.

Utilizaram como instrumento a dissertação livre sobre o tema e a sensibilização com o texto “O Bom Professor e Sua Prática” de Maria Isabel da Cunha.

Como conclusão, as autoras afirmaram que, segundo os alunos investigados, assim como os de Cunha (2004), os seus bons professores têm como características comuns serem amigos, bem-humorados, sérios, responsáveis, seguros, próximos, justos, terem conhecimento teórico e domínio do conteúdo, serem exigentes, rígidos sem serem austeros, respeitosos, entre outras.

Por fim, Gomes e Mendes (1999) apontaram que dificilmente aqueles alunos, sujeitos da pesquisa (futuros professores), conseguirão cumprir e atender às necessidades emergenciais da sociedade, pois além das características que os próprios alunos enumeraram para ser um bom professor, seria preciso que apresentassem o perfil de um profissional que houvesse se formado através da prática coletiva e da reflexão sobre a mesma. Ou seja, reafirmaram a idéia de Pimentel (2005) de que o professor aprende fazendo.

“Buscar nas memórias dos alunos, experiências positivas de professores pode servir ainda para humanizar, na prática uma função de transmissão cultural que precisa dar conta da sua dimensão democrática e política na relação com a sociedade”. (GOMES E MENDES, 1999, p. 58)

Esse estudo contribuiu para esta pesquisa por ser mais uma referência no que diz respeito à importância da reflexão sobre o papel fundamental do professor na sociedade e também na relevância de se estudar o positivo como forma de repensar a profissão.

Morales (2004) cita e comenta uma pesquisa que foi realizada com 1.633 alunos de sete a dezessete anos que fizeram uma redação sobre o que significa para eles ser um bom professor. Destaca que os menores dão atenção aos aspectos físicos de seus professores, até mesmo no modo como se vestem. Os que têm por volta de 12 anos afirmam que o bom professor é aquele que consegue manter a classe em ordem. Os mais velhos dizem que os bons professores são pessoas educadas, respeitadas, motivadas, preocupam-se com seus alunos, estimulam-nos e os ensinam a estudar, atendem às necessidades particulares, sabem elogiar e ainda são muito diferentes entre si.

Afirma ainda que há muitas maneiras de ser um bom professor, o que possibilita que haja muitos bons professores, porém diferentes entre si. Além disso, quando se pesquisa o bom professor a partir do ponto de vista dos alunos, é necessário perceber que a idéia de bom professor varia de acordo com as idades e necessidades de cada um.

Dessa forma, podemos perceber que não existe professor ideal. Talvez seja possível identificar características ou traços de um bom professor ligados à competência ou ao relacionamento com os alunos. Para o autor, é conveniente que não exista o professor ideal. Assim, pode-se aspirar a ser um excelente professor sem ter de chegar às alturas de um modelo não executável.

Aponta que o professor influencia o aluno não só na linha do conhecimento e do desenvolvimento intelectual, mas também no desenvolvimento emocional, moral e no discernimento para saber o que ele quer fazer com sua vida. “Nós professores, não somos tudo, é claro, mas temos uma grande influência, ou podemos tê-la, na vida de nossos alunos”. (MORALES, 2004, p.40)

Portanto, a influência de que Morales (2004) nos fala existe e pode ser positiva ou negativa, dependendo da qualidade da relação e da satisfação das

necessidades de ambas as partes. Nas pesquisas citadas em seu livro sobre a relação professor-aluno, o autor revela que muitos alunos consideram professores como pessoas que influenciaram suas vidas de maneira importante ou decisiva; alguns professores lembram que alguns de seus próprios professores fizeram a diferença em suas vidas e por esse motivo querem que a sua presença entre os alunos seja mais do que alguns temas e correção de provas.

O professor é extremamente importante na formação do aluno e pode fazer a diferença, tanto aproximando os alunos de seus ideais, quanto os afastando. Não é só um mero transmissor de conhecimentos, mas um indivíduo com enorme responsabilidade social, visto que a educação é um poderoso instrumento para a melhoria e resolução de inúmeros problemas, como a pobreza, a fome, a desigualdade social, a mortalidade infantil, a carência na área de saúde, entre outros.

Dessa forma, o educador é fundamental no processo de formação e/ou transformação da sociedade. Pode ensinar mais com o que é do que com aquilo que pretende ensinar e a maneira como age pode ser recusada ou aceita pelos alunos, reforçando o interesse ou o desinteresse pelo aprendido. Pode-se aprender a odiar ou amar a matéria.

“Qualquer que seja a nossa postura pessoal, sem dúvida transmitimos mais do que ensinamos formalmente... E pode acontecer que isso seja o mais importante e duradouro... Não há relação humana - e a relação professor e aluno na sala de aula é a relação humana - em que não se dê uma influência mútua... Influímos, para o bem ou para o mal, querendo ou não”.
(MORALES, 2004, p.43)

Sendo assim, todos os professores podem ser modelos de identificação; porém, “quando se trata de professores de prestígio, e, além disso, queridos por seus alunos, estes podem aprender muito mais do que o professor conscientemente pode ensinar”. Muitas coisas importantes na vida se aprendem quase inconscientemente por imitação de modelos (aprende-se a ser homem, mulher e professor...). O professor não ensina no vazio. Ao ensinar, ele transmite valores, crenças, entre outras coisas.

Abramovich (1997), Gomes e Mendes (1999) e Morales (2004) concordam com o fato de que pesquisar o bom professor nos dá uma boa oportunidade de reflexão.

Rohrbacher (2005) realizou uma pesquisa semelhante à de Cunha (2004). Inicialmente, perguntou aos alunos concluintes de diversos cursos de uma única instituição quem foram seus melhores professores da graduação e por quê. A partir das respostas, alguns dos professores identificados participaram da pesquisa, escrevendo relatos sobre sua trajetória, prática e influências que fizeram deles esses professores considerados bem sucedidos pelos alunos.

Todas as influências pesquisadas foram consideradas importantes pelos professores, porém o que mais chamou a atenção da autora foi o fato de que as principais influências são relativas a tudo o que é vivido e construído, com e pelo sujeito, e não apenas teorizado, explicado e transmitido por ele. Mais uma vez, a relação professor-aluno mostra-se fundamental na construção de conhecimento e na formação e transformação do indivíduo; envolve uma série de sutilezas que vão desde a transmissão do conteúdo, que é a função principal do educador, passando por questões de cooperação, senso de justiça, expectativas, até sentimentos, como admiração, medo, alegria, raiva. É uma relação extremamente rica e ao mesmo tempo complexa.

Rohrbacher concorda com CUNHA (2004) na idéia de que o conceito de bom é sempre algo valorativo, em função de uma época e de um contexto.

Ronca (2005) afirma que em três décadas que se dedicou à formação de professores, percebeu em sua pesquisa o papel marcante desempenhado por professores na formação profissional e pessoal de seus alunos. Acrescenta que por vivermos num momento em que valores como justiça, solidariedade, consideração pelo outro e honestidade estão sendo ameaçados, o professor pode contribuir para que os alunos compreendam e vivam esses valores. Em sua pesquisa, teve como objetivo compreender como a relação mestre-modelo contribui para a constituição da identidade dos educandos.

A autora analisou três situações: a relação mestre-educando em sua vida; a relação entre Van Gogh e seu mestre Millet e a relação de uma professora que é chamada “professora C” com seus mestres. Verificou a presença marcante dos mestres-modelo na constituição da identidade de seus alunos.

Aponta que, apesar de os jovens, ao longo de sua vida escolar, terem por volta de sessenta professores, quando são indagados a respeito de quais professores (mestres-modelo) marcaram positivamente suas vidas, apresentam dificuldade em indicá-los e admitem ser mais fácil selecionar antimodelos, pelas relações vividas e pelas marcas deixadas, confirmando o depoimento de um dos participantes da pesquisa de Cunha (2004).

Outro ponto importante que Ronca destaca, assim como os outros autores citados até então, que contribui de maneira significativa para este trabalho, é que os mestres são modelos de inspiração para os alunos. “Os mestres atuam como **outros significativos** e confirmam o pressuposto de que nós nos constituímos ao longo do tempo, nas e pelas relações sociais, nas condições históricas e culturais” (RONCA, 2005, p. 151), pela natureza dos vínculos construídos, agindo como modelos inspiradores, referências, pontos de ancoragem e fonte de imitação para os educandos.

Mostra-nos em seu estudo que a admiração aparece em todas as situações como mais um componente a ser considerado na relação mestre-educando e que nessa relação existe acolhimento de ambas as partes. Fala-nos que os educandos afirmam a influência marcante de seus mestres, porém sem gerar submissão ou mitificação. A relação apenas contribui para que o aluno construa um estilo pessoal e que seja autônomo, criativo e crítico. Sendo assim, concorda com a idéia de Morales (2004) quando diz que não existe a necessidade de se encontrar um professor ideal.

Por fim, a autora relata a importância da reflexão sobre a relevância do professor como modelo, já que a participação do mestre é significativa na constituição identitária de seus alunos.

Patrício (2005), em seu livro “São deuses os professores?”, reúne experiências de professores bem sucedidos, bem como mostra o perfil de mestre desejado por alunos do Ensino Médio. Procura identificar os processos vividos por tais professores. Para isso, analisa suas trajetórias acadêmicas, histórias de vida, a prática em sala de aula e os recursos pessoais de cada um. Afirma que seu objetivo não é apresentar algum tipo de roteiro ou guia, mas de promover a socialização de práticas que têm “dado certo”.

A pesquisa foi feita da seguinte maneira:

Foi aplicado um questionário a 432 alunos do Ensino Médio de uma instituição particular de Minas Gerais. Nesse questionário, as perguntas eram feitas de modo a identificar o que é ser um bom professor, suas características, atitudes e comportamentos. Do universo de 26 professores, destacaram-se dois por receberem indicações de 70% dos alunos. Com estes, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, além da observação em sala de aula e análise de material dos docentes (planejamento, plano de aula, etc). A partir das respostas dos alunos, obtiveram-se dados a respeito de características, como “saber ensinar”, “aprender com os alunos”, “manter relacionamento sadio e harmonioso com o grupo”, “ser atencioso”, “prestativo”, “rigoroso”, entre outras.

Já em relação aos professores, a autora concluiu que eles precisam conhecer o adolescente. E afirma que esse conhecimento não se limita a apenas saber do que ele gosta ou não, mas conhecer suas características cognitivas, afetivas e emocionais. Concorda com Pimentel (2005) quando afirma que o trabalho docente é fundamentalmente um conjunto de interações personalizadas com os alunos, um trabalho investido e vivido, em que se aprende fazendo.

Por fim, ao pensarmos na pergunta inicial de Patrício (2005): *“Por que alguns docentes envolvem seus alunos na compreensão dos conteúdos e outros não?”*, podemos perceber que não existe uma resposta única, pela diversidade de práticas e características, entre outros aspectos.

Leite e Tagliaferro (2005) realizaram uma pesquisa cujo objetivo era descrever as práticas pedagógicas desenvolvidas por um professor em sala de aula,

identificando os seus possíveis efeitos na futura relação que se estabeleceria entre os alunos e os objetos do conhecimento.

Os dados foram coletados a partir de entrevistas com seis alunos do professor (M), que relataram as experiências vivenciadas em sala de aula e os possíveis efeitos destas em suas vidas. Após a seleção dos sujeitos de pesquisa, passou-se à primeira etapa da coleta de dados. Cada sujeito deveria escrever uma carta endereçada aos pesquisadores relatando algumas memórias sobre o professor (M) e o papel dele em sua vida. A segunda etapa da coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas com todos os sujeitos. O objetivo das entrevistas era coletar o máximo de informações sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas pelo professor e o seu impacto na vida profissional, pessoal e acadêmica de cada sujeito.

Para análise dos dados, foram criados núcleos e sub-núcleos para reunir aspectos dos relatos em torno de um tema, como por exemplo, lembranças marcantes, sentimentos dos alunos, influência do professor e relação professor-aluno.

Como resultado, observou-se a influência na vida futura do sujeito e na relação do sujeito com o objeto de conhecimento, pois o processo ensino-aprendizagem não envolve somente questões cognitivas.

Esses trabalhos contribuíram para minha pesquisa no sentido de demonstrar que a atuação do professor pode influenciar a vida futura do sujeito, e que no processo ensino-aprendizagem não estão envolvidas somente as questões cognitivas, mas também as afetivas e motoras, contribuindo para a idéia de indissociação desses conceitos.

"A minha professora inesquecível foi dona Naná, (...) é inesquecível porque eu fui uma criança muito, mas muito, muito, muito tímida. Não era uma timidez normal. Era uma timidez doente" [...]

"[...] Ela era muito paciente. Em nenhum momento me empurrou para situações de estresse. Ela soube respeitar meu processo de crescimento. [...] Ela me empurrou e falou: Você é capaz e não tem de ter medo de nada. Hoje eu falo em público, vivo da comunicação, vivo de me expor e eu acho que devo isso à maneira suave como a dona Naná me pegou pela mão e falou: O mundo é esse, vem comigo que eu estou com você". [...]
(Mirian Leitão, jornalista e comentarista econômica, in: Portal Educacional).

II - POR QUE WALLON COMO REFERENTE TEÓRICO

“Uma teoria é um recurso para o professor”. (Mahoney e Almeida 2005)

Decidimos adotar como referencial teórico para esta pesquisa conceitos e princípios da teoria de desenvolvimento de Henri Wallon. Ao escolhermos falar sobre o professor, constatamos que o autor traz inúmeras contribuições, por valorizar o papel do professor, oferecer recursos para a compreensão do papel do aluno e por ver a pessoa de maneira mais completa, ou seja, analisando-a em seus domínios afetivo, cognitivo e motor de forma integrada como relata Almeida (2004), *“mostrando como se dá, no transcorrer do desenvolvimento, a interdependência e a predominância desses diferentes conjuntos”*.

Henri Wallon nasceu e viveu na França entre 1879 e 1962. Formado em Filosofia e Medicina, especializou-se nas áreas da Psiquiatria e da Psicologia. Wallon participou da Primeira Guerra Mundial como médico, onde pôde tratar de feridos e ao mesmo tempo observar lesões orgânicas e seus reflexos psíquicos. Já na Segunda Guerra, participou do movimento de resistência contra os invasores nazistas, o que reforçou sua crença na necessidade da escola assumir valores de solidariedade, justiça social e anti-racismo, para a construção de uma sociedade mais justa e mais democrática.

Wallon dedicou-se primeiro à psicopatologia e depois ao desenvolvimento da criança. Suas obras e atividades também se voltaram para a educação e culminaram no projeto Langevin-Wallon. Este foi o resultado de um trabalho de três anos (1945-1947), de uma Comissão de vinte membros que tinham como objetivo reformar o sistema de ensino francês após a Segunda Guerra. Inicialmente, o físico Paul Langevin foi nomeado presidente da comissão; porém, após sua morte, Henri Wallon assumiu o cargo de presidente.

As ações propostas se baseavam em quatro princípios:

Justiça – Qualquer criança ou jovem deveria ter direito igual ao desenvolvimento completo, sendo que a única limitação aceita seria a de suas próprias aptidões.

Dignidade igual de todas as ocupações – Todas as profissões seriam consideradas de igual dignidade.

Orientação – O desenvolvimento das aptidões individuais deveria nortear as ações pedagógicas; em primeiro lugar, com a orientação escolar e depois, com a orientação profissional.

Cultura Geral – Não poderia haver especialização profissional sem cultura geral.

“O Projeto Langevin Wallon é a oportunidade de Wallon expressar seus ideais de Homem e de Sociedade”. (ALMEIDA, 2004b, p.74)

Consideramos as propostas psicológicas e pedagógicas de Wallon relevantes para este estudo, principalmente porque:

- Sua teoria de desenvolvimento humano integra as dimensões motora, afetiva e cognitiva, as três imbricadas e uma interferindo na outra;
- A seqüência de estágios: impulsivo-emocional (0 a 01 ano de idade); sensório-motor e projetivo (01 a 03 anos); personalismo (03 a 06 anos); categorial (06 a 11 anos); puberdade e adolescência (11 anos em diante) é uma proposta que ajuda o educador no conhecimento de seus alunos. (As idades indicadas foram propostas para as crianças de sua época e respectivo ambiente cultural).
- A consideração da relação natural necessária entre a criança e seu meio leva o educador a perceber que é impossível estudar a criança separada de seu contexto.

Acresce ainda que, como argumentam Mahoney e Almeida (2005), Wallon estabeleceu uma relação fecunda entre a Psicologia e a Educação. *“Entre a Psicologia e a Educação as relações não são de uma ciência normativa e de uma*

ciência ou arte aplicada”. Ao contrário, Psicologia e Pedagogia constituem momentos complementares de uma mesma atitude experimental. Sendo assim, cabe também à educação realizar pesquisas para verificar quais são os conceitos e princípios que podem ou não ser aplicados.

- Emoção e afetividade

Segundo Kirouac (1994), até a década de 1970, o estudo da emoção era considerado supérfluo, não científico. Porém, a partir da década de 1970, surgiram estudos teóricos e empíricos considerando os estados internos responsáveis pelo comportamento. Acrescenta que devido à falta de consenso nas definições, os estudiosos encontravam dificuldades no estudo da afetividade.

Leite (2006) argumenta que, embora a afetividade nunca tenha sido negada, não foi considerada, por muito tempo, como elemento central nos processos de constituição humana. Em decorrência de uma visão dualista do ser humano, a razão era considerada a dimensão mais importante, e a emoção, em algumas teorias, era considerada como o fator que levava o indivíduo a se comportar com reações inadequadas.

Durante o século XX, com a ampliação dos conhecimentos sobre a emoção e o predomínio da concepção monista do ser humano, afetividade e cognição já podiam caminhar juntas.

Nossa discussão sobre a concepção monista de humano vai se fundamentar em Henri Wallon. Para ele, o afetivo e o cognitivo não podem se separar, pois são constitutivos um do outro, formando assim um par completo.

Afetividade é um conceito amplo, que abrange três formas de expressão:
Emoção - predomínio da ativação fisiológica; exteriorização da afetividade, ou seja, é a sua expressão corporal, motora.
Sentimento – expressão representacional da afetividade.
Paixão – autocontrole para silenciar a emoção.

Um aspecto de imensa importância para Wallon é a questão da observação. Observar o corpo, a postura, a respiração pode trazer pistas para compreender o que está acontecendo com o outro, no caso os alunos, dando indícios de como eles estão se posicionando ante as várias exigências da escola. Ao observar seus alunos, o educador conta com mais um elemento para adequar suas atividades aos interesses dos mesmos, e assim, atender às necessidades tanto dos alunos, quanto do próprio educador.

- Desenvolvimento integral da pessoa

Adepto ao materialismo dialético, Wallon não entendia a essência anterior à existência uma vez que afirmava que a constituição dos indivíduos se dá nas relações do indivíduo com o meio (mundo); ao mesmo tempo em que constrói a sociedade, é constituído por ela, reafirmando a idéia de que para se conhecer o indivíduo, é preciso conhecer sua história e a história da sociedade em que se constituiu. Nesse sentido, precisamos entender o Homem em suas transformações, seu movimento e complexidade.

“Todo indivíduo é marcado pela civilização, que regula a sua essência e se impõe à sua actividade. A linguagem que dela recebe é o molde dos seus pensamentos, é ela que estrutura os seus raciocínios. Os instrumentos que ela lhe propõe dão forma aos seus movimentos. A organização da família, das relações entre crianças e adultos, entre sexos, entre indivíduo e colectividade, impõe à sua afectividade quadros mais ou menos rígidos, imperativos, proibições susceptíveis de influir profundamente sobre a constituição da pessoa”. (WALLON, 1975a, pp.54-55)

Nota: O trecho referente ao materialismo dialético foi elaborado para trabalho de conclusão da disciplina Bases Históricas da Psicologia da Educação em dezembro de 2006 por Ana Lúcia de Sant’Ana Ferrari e Thatiana Segundo. Está indicado por *** no início e no final.

Torna-se necessária a explicitação de algumas categorias propostas pela dialética Marxista implícitas na obra de Henri Wallon que utilizou os principais pressupostos teórico-metodológicos dessa perspectiva, sem, no entanto, usar muitas referências diretas da obra de Marx*. Daí a afirmação de que é a dialética que:

“...dá à Psicologia o seu equilíbrio e a sua significação, que subtrai à alternativa dum materialismo elementar ou dum idealismo vago, dum substancialismo grosseiro ou dum irracionalismo sem horizontes. É ela quem mostra simultaneamente ciência da natureza e ciência do homem, suprimindo deste modo a ruptura que o espiritualismo procurava consumir no universo entre a consciência e as coisas. É ela que lhe permite considerar numa mesma unidade o ser e o seu meio, as suas perpétuas interacções recíprocas. É ela que lhe explica os conflitos dos quais o indivíduo deve tirar a sua conduta e clarificar a sua personalidade. (...) O materialismo dialético interessa a todos os domínios do conhecimento, tal como interessa ao domínio da acção. Mas a psicologia, principal fonte das ilusões antropomórficas e metafísicas, devia, com mais relevo que qualquer outra ciência, encontrar nele a sua base e a sua direcção normais”. (WALLON, 1975a, p. 67)

Para Marx, o homem é um ser social, dinâmico e produtivo agindo no mundo e reagindo a ele. Necessita dos outros porque só é completo como homem se estiver em relação com os seus companheiros e com a natureza (meio).

“Só na comunidade com outros é que cada indivíduo encontra os mecanismos para desenvolver suas faculdades em todos os aspectos; é apenas na coletividade, portanto, que a liberdade pessoal se torna possível”. (MARX E ENGELS, 1932, p.112)

Marx acreditava que nossos pensamentos individuais se formam de acordo com as idéias desenvolvidas por uma determinada sociedade, condicionadas pela sua estrutura e modo de funcionamento, ou seja, a compreensão da sociedade deve basear-se na compreensão de suas relações econômicas e no entendimento de suas relações históricas, políticas e ideológicas. “Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência”. (MARX, 1982, pp. 25-26)

Afirmava ainda que o indivíduo não deve ser concebido fora do quadro das suas relações com outros indivíduos, ou seja, fora do quadro da vida social que é eminentemente prática. Os homens existem em constante atividade e não numa situação de contemplação e seu modo de existir é o de uma contínua intervenção ativa no mundo. Nesse sentido, a relação entre o homem e o mundo implica uma constante transformação, de si próprio e da sociedade, buscando a satisfação de suas necessidades. Esse processo de permanente transformação entre os seres em suas relações recíprocas é conhecido por dialética.

A vida é essencialmente movimento, porém não há movimento sem contradição, uma vez que a contradição é uma realidade que não se pode suprimir, é inerente e opera em todos os fenômenos levando à constante transformação e superação. As contradições não cessam, pois a partir de uma solução, surgem novas contradições características de um estágio histórico mais avançado.

“Se o real é em si contraditório e seu eterno movimento, eterno fazer-se e refazer-se, é dado por esse movimento de antagonismos, o pensamento, a ciência devem buscar desvendar esse movimento que é a chave da compreensão, seja da economia, da história, seja de qualquer outra ciência. Dado que o movimento e a manifestação da contradição, esta necessita ser desvendada para que se compreenda o fenômeno, o que implica compreender seu movimento”. (ANDERY & SÉRIO, 2006, p. 410)

Dessa forma, qualquer relação carrega contradições que implicam movimento aos fenômenos, que por sua vez fazem parte de outras relações mais gerais, ou seja, qualquer fenômeno parte de uma totalidade que o contém, que o determina. A totalidade determina o fenômeno e é determinada por ele.

“As coisas constituem-se de contradições e forças antagônicas, movimento e transformação constantes, existem em contínua relação em inter-relação com outros fenômenos, constituindo-se em e constituindo as totalidades que as formam”. (ANDERY & SÉRIO, 2006, p.412)

Em toda sua obra, Wallon projetava o futuro, via a tridimensionalidade temporal (passado, presente e futuro) e se baseava no materialismo histórico dialético ao abordar:

- O indivíduo como um ser “geneticamente social”;
- O estudo do psiquismo humano em sua gênese e multideterminação, observando sempre a totalidade dos fenômenos na busca de sua essência;
- As etapas do desenvolvimento do indivíduo em sua totalidade e integração, não em função da faixa etária, mas das condições de existência concreta;
- As dimensões afetiva, cognitiva e motora em sua integração e totalidade;
- A escola como meio fundamental para o desenvolvimento do indivíduo.

Para Henri Wallon, a pessoa é uma totalidade, constituída através de uma rede de relações entre os fatores orgânicos e socioculturais do meio do qual faz parte. Dessa forma, a pessoa, ao longo da vida, está em contínuo processo de transformação coerente com a história evolutiva anterior e com as condições que o meio atual oferece. Além dessa integração organismo e meio, a teoria enfatiza a integração entre os conjuntos funcionais. *** “Os domínios funcionais entre os quais se dividirá o estudo das etapas que a criança percorre serão, portanto, os da afetividade, do ato motor, do conhecimento e da pessoa”. (Wallon, 1995, pp. 131 e 135)

Mahoney e Almeida (2005), apoiadas em Wallon, descrevem os conjuntos: o conjunto afetivo é aquele que oferece as funções responsáveis pelas emoções, pelos sentimentos e pela paixão; o conjunto ato motor é aquele que oferece a possibilidade de deslocamento do corpo no tempo e no espaço, assim como as reações posturais que garantem o equilíbrio corporal, e o apoio tônico para que se expressem as emoções e sentimentos; o conjunto cognitivo é aquele que oferece funções que permitem a aquisição e a manutenção do conhecimento por meio de imagens, noções, representações; possibilita registrar e rever o passado e projetar futuros possíveis e imaginários. O quarto conjunto funcional “a pessoa”, expressa a integração em todas as suas inúmeras possibilidades.

As autoras apresentam ainda outras características do processo de desenvolvimento:

- Do sincretismo para a diferenciação:

Os conjuntos funcionais revelam-se inicialmente de forma sincrética, ou seja, de forma nebulosa.

- Da alternância na predominância dos conjuntos:

Em cada estágio de desenvolvimento proposto por Wallon, um dos conjuntos predomina. Embora todos os conjuntos funcionais estejam presentes a todo o momento, existe a preponderância de um sobre o outro.

O conjunto afetivo evidencia-se mais nos estágios do personalismo e da puberdade e adolescência.

- Da alternância de direções:

Em cada estágio existe uma alternância de direções. No personalismo, por exemplo, o movimento é para dentro, para o conhecimento de si mesmo. No estágio categorial, a direção é para o mundo exterior.

- Da socialização para a individuação:

Outro ponto que chama a atenção nas idéias de Wallon é que o social está sempre presente, desde o início da vida; a socialização humana é uma socialização que individualiza. Ou seja, o indivíduo como um ser geneticamente social necessita do outro para se delimitar como pessoa, para chegar à consciência de si mesmo.

“[...] o indivíduo, se ele se apreende como tal, é essencialmente social. Ele o é, não em virtude de contingências externas, mas devido a uma necessidade íntima. Ele o é geneticamente” (Wallon, 1986, p. 164).

- O papel do professor

A partir da teoria de desenvolvimento de Wallon, podemos afirmar que o professor tem um papel importante na constituição da pessoa do aluno. Ele, professor, é concebido como uma pessoa completa, com afeto, cognição e movimento, tanto quanto seus alunos, também pessoas completas, com afeto, cognição e movimento, e se contagiam emocionalmente.

Como o meio é um conceito importante na teoria, podemos afirmar que tão importante quanto conhecer o professor e o aluno é conhecer seu meio, isto é, é impossível compreender professores e alunos em formação sem levar em conta o meio social e cultural no qual estão inseridos. Outra idéia importante em Wallon é o respeito ao aluno. Respeitar o aluno significa dar-lhe condições de aproveitar integralmente seu tempo na escola e aceitar que todas as crianças têm igual direito ao desenvolvimento máximo que suas aptidões comportam.

Almeida em entrevista concedida a Mahoney (2005) enfatiza que a teoria de Henri Wallon é bem aceita pelos professores, dada a importância que confere ao professor, bem como pelo fato de oferecer elementos para compreender seus alunos nas diferentes fases de desenvolvimento.

Argumenta também que a valorização do trabalho do professor atribuída por Wallon, colocando-o como elemento indispensável para o desenvolvimento do aluno, reforça sua auto-estima profissional.

Reafirmando, Wallon, ao propor os estágios de desenvolvimento que vão da criança ao adulto, do ponto de vista afetivo, oferece subsídios para que o professor possa compreender os alunos em cada etapa, e dessa forma planejar, refletir, repensar atividades adequadas para as necessidades de cada um, lembrando que o processo ensino-aprendizagem comporta fluxos e refluxos sujeitos a constantes reformulações.

Segundo Mahoney e Almeida (2005), o processo ensino-aprendizagem exige a colocação de limites, sendo também uma expressão de afetividade. Descaracteriza-se então o papel do professor bonzinho. Ser afetivo não significa ser permissivo. Ao contrário, em relação à afetividade devemos compreender que o papel principal do professor continua sendo o de ensinar, visando em primeiro lugar à formação e desenvolvimento do aluno; porém, na transmissão do conteúdo e nas relações com o grupo, o professor expressa valores e pode despertar interesses pelas questões sociais.

O professor é importante não só na construção do conhecimento, mas também como sujeito na transformação da realidade social quando chama a atenção dos alunos para o sentimento de solidariedade, respeito e senso de trabalho coletivo.

Na ótica de Wallon, o adulto já passou por todos os estágios de desenvolvimento, podendo então se reconhecer como um único ser. Ele conhece melhor seus sentimentos, seus pontos fortes, suas limitações, possibilidades, seus valores e procura pautar seu comportamento por esses aspectos. *“Ser adulto significa ter desenvolvido uma consciência moral; reconhecer e assumir com clareza seus valores e dirigir suas decisões e escolhas de acordo com eles”* (Mahoney e Almeida, 2005, p.24). Como um adulto mais experiente, o professor consegue perceber, conhecer e acolher o outro com maior controle das emoções, auxiliando na solução dos conflitos.

“Aí a professora de português, professora Belmira, um dia disse uma coisa comovente, um negócio assim: “Vocês têm que aprender português” – aquela professora miudinha, negra, sentada naquela cadeira enorme, parecia sumir ali, mas ela era de um vigor! Eu não pensava em escrever, nem fazer música, nem nada, mas ela disse o seguinte: “Vocês têm que aprender português”. De onde é que vão sair os escritores e os poetas? Ora, só ter uma expectativa boa sobre mim, mesmo como coletividade, era um bálsamo. Eu fiquei com os olhos mareados lá no fundo da sala. Naturalmente me escondi, para ninguém me ver. Mas aquilo me bateu que eu comecei a estudar português também, porque a mulher tinha me agradado. Tanto é que virei estudante, a partir desse ano. Voltei a estudar, equilibraram-se as coisas e tal. E aí tudo é fanático, não é? Quando voltei a estudar, voltei como cdf”. (Tom Zé, cantor e compositor, in: Tropicalista Lenta Luta, 2003)

III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Opções:

- Quanto ao Instrumento

Pela característica do tema a ser pesquisado, foi feita a opção pela abordagem qualitativa, que envolve a obtenção de dados descritivos e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes (BOGDAN e BIKLEN, 1986).

A entrevista foi o instrumento escolhido para esta pesquisa, que pretende identificar as características da atuação de professores que marcaram positivamente ex-alunos da graduação em Educação Física.

Para Moroz e Gianfaldoni (2002), a entrevista tem a vantagem de envolver uma relação pessoal entre pesquisador e sujeito, o que facilita um maior esclarecimento de pontos nebulosos.

Inicialmente, foi aplicado um pré-teste para uma professora de Educação Física para avaliar a adequação das perguntas da entrevista. Após a análise das informações coletadas no pré-teste, foram realizados os ajustes necessários para a construção final do roteiro das entrevistas.

As perguntas feitas aos entrevistados foram elaboradas de forma a colher o máximo de informações com respeito às características pessoais, desempenho e situações lembradas com seus ex-professores da graduação em Educação Física que deixaram marcas positivas, tanto na vida pessoal como na vida profissional de seus ex-alunos. Porém, no decorrer da entrevista, alguns entrevistados citaram outros professores que não os da graduação, o que foi levado em consideração.

As perguntas formuladas para a entrevista foram:

- 1 – Por que você escolheu ser professor?
- 2 – Por que professor de Educação Física?

3 – Indique um ou mais professores da sua graduação que o marcou (marcaram) positivamente. Por quê?

4 – Você se lembra de uma situação com esse (s) professor (es) que o marcou fortemente?

5 – Quais as características desse (s) professor (es) que o marcaram?

6 – Como era o desempenho dele (s) durante as aulas?

7– Você percebeu, em sua prática profissional, marcas ou influências desse (s) professor (es)? Quais?

- Quanto à escolha dos participantes

Os participantes desta pesquisa são quatro ex-alunos do curso de graduação em Educação Física, formados no ano de 2004 numa Universidade particular do Estado de São Paulo.

Estes foram meus colegas de classe durante os quatro anos de curso e atualmente estão inseridos no mercado de trabalho como professores. Por esses motivos e por acreditar que trariam dados relevantes para minha pesquisa é que foram escolhidos. Além disso, por estarem formados há três anos, já possuem um distanciamento do ambiente universitário e principalmente dos professores, o que poderia dar uma outra visão a respeito dos professores que os marcaram de maneira positiva.

Um outro motivo que me fez optar por esses participantes foi a sua vontade e disponibilidade para participar desta pesquisa.

Abaixo, segue uma breve descrição de cada participante; seus nomes foram trocados para respeitar a sua privacidade.

Luci, 24 anos, era excelente aluna, muito simpática, determinada, exigente consigo mesma, sensível, não chegava a ser tímida, no entanto era reservada.

Além de ser formada em Educação Física, é bailarina e hoje trabalha na área de dança em uma escola particular na cidade de São Paulo.

Lívia, 24 anos, hoje professora de dança em dois colégios particulares de São Paulo.

Lívia era uma boa aluna, sempre com boas notas; era atenta, responsável, disciplinada e bastante tímida.

Após a Universidade, seguiu apenas trabalhando e pretende fazer um curso de pós-graduação em Educação.

Luís, 37 anos, era sem dúvida o melhor aluno da sala: responsável, disciplinado, íntegro, respeitoso com os professores e colegas, sempre foi escolhido para representante de sala.

Durante todo o período universitário, teve um comportamento exemplar e sempre obteve notas altas.

Os professores gostavam muito dele e os colegas também.

Hoje, Luís trabalha como professor de esporte e com informática. Além da formação em Educação Física, cursou pós-graduação em fisiologia do exercício. Dedicava grande parte de seu tempo participando de cursos de massagem, yoga, terapias alternativas e participa de corridas de rua.

Eva, 24 anos, alegre, comunicativa, extremamente inteligente, era o terror dos professores.

Diversas vezes era mandada para fora da sala, pois seu comportamento atrapalhava o andamento da aula.

Eva não tinha limites: gritava, falava alto, fazia muita bagunça; porém, tinha excelentes notas e isso incomodava ainda mais os professores e alguns alunos. Além disso, conseguia absorver o conteúdo passado pelos professores como ninguém, sempre apresentando trabalhos maravilhosos que deixavam não só a turma, mas os professores impressionados.

Hoje, é professora de primeira a quarta série da rede estadual.

Afirmo que todas essas características acima descritas foram por conta de fatos ocorridos na convivência de quatro anos com Luís, Lívia, Luci e Eva. Portanto, essas são as minhas “impressões de convivência”, que foram apresentadas a eles.

Escolhidos os participantes, fiz o contato inicial por e-mail, expliquei o objetivo de minha pesquisa e os convidei para participar de uma entrevista.

Deixei claro que a entrevista poderia ser realizada em local e horário pré-estabelecidos por eles e que eu iria gravar, transcrever e devolver os depoimentos para que cada um pudesse ler e fazer as considerações necessárias.

Todos eles responderam prontamente, disponibilizando-se para que marcássemos a data do encontro.

- Quanto à realização das entrevistas

As entrevistas foram agendadas por telefone. O primeiro entrevistado, Luís, solicitou que eu fosse à sua casa por ser um ambiente tranquilo e sem interrupções. Inicialmente, Luís estava um pouco tenso; quando percebi que ele estava mais à vontade para iniciar a conversa, pedi permissão para começar a gravar e alertei que seu nome e também o nome dos professores citados seriam preservados. Procedi da mesma maneira com os outros participantes.

A segunda entrevistada foi Eva, que escolheu uma praça bastante calma para o encontro. Comunicativa, muito à vontade, a entrevista correu tranquilamente.

A terceira entrevistada, Luci, preferiu marcar o encontro na escola de dança onde trabalha. Inicialmente, estava um pouco tímida; porém, percebi que durante a entrevista, Luci se emocionava ao lembrar seus ex-professores. Em um determinado momento, ela suspirou e disse: “Nossa, como é bom lembrar, não é? Que saudades...” Foi um momento muito bonito, pois enquanto ela ia falando, eu também ia me lembrando de meus ex-professores, afinal eram os mesmos.

A última entrevistada foi Livia; combinamos de nos encontrar na sala de dança de um dos colégios onde trabalha. Livia demonstrou bastante timidez e dificuldade ao falar. Eu tentava aos poucos deixar a entrevistada à vontade para assim poder perguntar o que estava determinado.

Após a realização das entrevistas, ouvi as fitas inúmeras vezes; fiz a transcrição com bastante cuidado; comparei com a gravação para rever e ter a certeza de que a transcrição estava correta; li e reli diversas vezes o material transcrito. Só então pude partir para a análise dos dados.

- Quanto ao procedimento para análise e discussão dos dados

Ao iniciarmos a análise do conteúdo das entrevistas, optamos pela elaboração de quadros para uma primeira organização dos dados referentes a cada um dos sujeitos; estes foram revistos diversas vezes até que se chegasse a um único quadro com todas as informações essenciais para responder ao problema proposto.

As categorias levantadas foram:

- razões da escolha profissional
- o professor lembrado
- características pessoais do professor
- características de atuação do professor
- marcas deixadas na vida pessoal do aluno
- marcas deixadas na vida profissional do aluno

- Como chegamos a esse quadro?

O quadro é referente às características pessoais e de atuação dos ex-professores lembrados pelos participantes. A coluna das razões da escolha profissional de cada participante está relacionada às perguntas 1 e 2 da entrevista; já as marcas deixadas na vida pessoal e profissional dos sujeitos estão relacionadas às perguntas 3, 4, 5, 6 e 7 da entrevista. Nestas, em alguns momentos, surgem,

além da fala dos entrevistados, alguns apontamentos da pesquisadora **em negrito**, com o objetivo de auxiliar a compreensão do leitor.

Cada entrevista foi analisada individualmente em função da singularidade dos sujeitos e riqueza dos dados obtidos.

Ao longo da análise, foram inseridos trechos das falas dos participantes que podem ilustrar os aspectos ressaltados.

Optamos por separar as características pessoais e profissionais dos professores apenas para efeito de análise e discussão. Porém, é importante destacar que na pessoa do professor essas características são entrelaçadas e indissociáveis.

“Meu professor inesquecível, sem dúvida, é o Latuf Isaías Mucci,(...) Ele era muito especial porque me mostrou que as palavras não são só palavras. Ele me mostrou que tem um universo inteiro dentro de cada palavra e que, quanto mais a gente as conhece, mais a gente sabe articular, mais a gente sabe pensar. (...) Como sou escritor, para mim, ele foi fundamental, assim como foi determinante ter passado por ele para ser quem sou hoje. Obrigado, Latuf!” (Eduardo Bahr – ator, escritor e professor de Educação Artística in Portal Educacional).

IV - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para facilitar o acompanhamento de nossa análise pelo leitor, optamos por apresentar primeiramente para cada um dos entrevistados um quadro com a organização das informações da entrevista; em seguida, procedemos à discussão. Quadros e discussão, a seguir.

LUCI – 24 anos

Professora de dança de uma academia da cidade de São Paulo, formou-se em Educação Física no ano de 2004.

RAZÕES DA ESCOLHA PROFISSIONAL DE LUCI	O PROFESSOR LEMBRADO	CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO PROFESSOR	CARACTERÍSTICAS DE ATUAÇÃO DO PROFESSOR	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PESSOAL DO EX-ALUNO	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PROFISSIONAL DO EX-ALUNO
<p>- a coisa que mais gosta de fazer é ver alguém aprender</p> <p>- teve a influência de uma antiga professora de ballet</p>	professor Franco - graduação	inteligente, humilde, engraçado e espontâneo	tinha uma forma engraçada de explicar as coisas	respondeu a um bilhete de Luci com palavras de incentivo e esse gesto a marcou pela humildade do professor	
	professor Roberto-graduação	cuidadoso, paciente, engraçado, falava alto, inteligente	insistente em ajudar o aluno a superar seus medos. Sabia diferenciar aluno de atleta, vaidoso com seu trabalho, gostava de ser reconhecido, competente	"O Roberto teve muito cuidado comigo quando eu tinha medo de nadar, eu tinha muito medo, muito. E só ele soube me entender. Ele falava: eu estou aqui para o que	

LUCI – 24 anos

Professora de dança de uma academia da cidade de São Paulo, formou-se em Educação Física no ano de 2004.

RAZÕES DA ESCOLHA PROFISSIONAL DE LUCI	O PROFESSOR LEMBRADO	CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO PROFESSOR	CARACTERÍSTICAS DE ATUAÇÃO DO PROFESSOR	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PESSOAL DO EX-ALUNO	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PROFISSIONAL DO EX-ALUNO
	professor Roberto- graduação			precisar. Ele me ajudou demais a vencer aquele medo”. No caso acima descrito, o professor demonstrou a Luci apoio e confiança	
	professor Lúcio graduação	paciente, inteligente, doce, calmo, falava devagar	ensinava bem, excepcional como professor, didático e organizado		

LUCI – 24 anos

Professora de dança de uma academia da cidade de São Paulo, formou-se em Educação Física no ano de 2004.

RAZÕES DA ESCOLHA PROFISSIONAL DE LUCI	O PROFESSOR LEMBRADO	CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO PROFESSOR	CARACTERÍSTICAS DE ATUAÇÃO DO PROFESSOR	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PESSOAL DO EX-ALUNO	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PROFISSIONAL DO EX-ALUNO
	professora Ana – ballet	forte, segura, nervosa, confidente, amava o que fazia	modelo de professora, ensinava devagar, didática, organizada, utilizava música popular Brasileira em suas aulas	“Minha professora de ballet, Ana, nossa meu exemplo de vida”. A professora percebeu em Luci medo de se destacar perante seus colegas. Diante disso, em conversas com a aluna, a professora procurava incentivar e estimular a	O lado forte da professora Ana influenciou para que Luci não se prejudicasse com os problemas que ocorrem em aula. Aprendeu a ficar tranqüila, principalmente ao trabalhar com adultos que possuem diferentes opiniões a respeito de um mesmo assunto

LUCI – 24 anos

Professora de dança de uma academia da cidade de São Paulo, formou-se em Educação Física no ano de 2004.

RAZÕES DA ESCOLHA PROFISSIONAL DE LUCI	O PROFESSOR LEMBRADO	CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO PROFESSOR	CARACTERÍSTICAS DE ATUAÇÃO DO PROFESSOR	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PESSOAL DO EX-ALUNO	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PROFISSIONAL DO EX-ALUNO
	professora Ana – ballet			independência da mesma	utiliza música popular Brasileira em suas aulas, assim como a professora Ana
	não especifica nenhum professor				“Acho que tive muita influência por aquele lado do coração mesmo, que é uma coisa que mexeu muito comigo. A importância de você fazer o aluno sentir-se especial...”

LUCI

Ao apontar os motivos de sua escolha profissional, Luci explicou que o que mais gosta de fazer é promover aprendizagem; sente prazer ao ensinar e por esse motivo tinha de ser professora. Além disso, relatou ter tido forte influência de uma antiga professora de ballet.

“Eu já gostava de dança, mas não pensava em ser professora de Educação Física até que uma pessoa chegou para mim e disse: Olha, faz Educação Física, no caso a minha professora que eu admirava muito. E ela falou, faz isso porque o campo é maior, você vai ter mais coisas para trabalhar, você não vai ficar tão fechada só na dança. Foi por isso que eu escolhi a Educação Física, foi um conselho dela. Ela representava muito para mim na época e aí eu resolvi fazer isso”.

Quando solicitei que Luci indicasse um ou mais ex-professores da graduação que a marcaram de maneira positiva, ela citou alguns nomes, mas completou dizendo que além do período da graduação, outros professores foram extremamente importantes.

Iniciou, mencionando Cláudia, do Ensino Fundamental. Luci tinha oito anos e até hoje guarda essa professora em sua memória e em seu coração.

“... a Cláudia era paciente, tinha amor no que ela fazia e naquela época eu estudava em escola pública; muito professor era antigo, que punha de castigo e a Cláudia tinha paciência não só comigo, mas também com as crianças mais problemáticas, com os meninos que mais davam trabalho”.

Cunha (2004) coloca que comportamentos docentes têm relação com a prática pedagógica vivenciada com ex-professores. E isto se aplica não só ao domínio do conteúdo, mas também no sentido de exemplos de honestidade e amor à profissão.

Dos professores da graduação, Luci citou três nomes: Franco, Roberto e Lúcio.

Comentou que Franco e Lúcio a marcaram de maneira positiva pelo conhecimento que demonstravam ter, pela forma como transmitiam o conteúdo aos alunos e pela simplicidade e paciência que tinham ao ensinar, como a professora Cláudia.

Quanto ao professor Roberto, Luci explicou que este foi seu professor na disciplina de natação e ela tinha muito medo de nadar. As aulas eram algumas vezes teóricas outras práticas e nestas, os alunos entravam na piscina para treinar o que haviam aprendido.

Nessas aulas, Luci entrava em desespero e comentou que o professor Roberto foi essencial para que ela conseguisse vencer o medo de nadar.

A última professora citada foi Ana, professora de ballet.

Luci comentou que essa professora foi seu exemplo de vida e força. Afirmou que era muito jovem e que Ana era uma pessoa forte e decidida; possuía características que Luci ainda não encontrava em si própria.

“Então ela tinha aquele lado forte dela que eu admirava, eu acho que eu queria conquistar, queria ser igual”

Afirmou que Ana foi diferente de todos os outros professores citados, pois ela não era nem tão doce, nem tão paciente, como os outros professores.

Mesmo assim, Luci afirmou que de todos os professores, Ana é a que jamais vai esquecer.

Luci contou algumas situações vivenciadas com esses professores, que marcaram sua vida de maneira positiva.

Uma delas foi quando enviou um bilhete ao professor Franco elogiando sua competência e este respondeu ao bilhete com palavras de apoio e incentivo. Luci afirmou que esse simples gesto a marcou pela humildade do professor.

Uma outra situação marcante foi o dia em que consegui vencer o medo de água. Disse ela:

“... foi numa aula de mergulho, numa aula muito boba que todo mundo fazia e eu tinha muito medo. Todo mundo subia em cima da plataforma para mergulhar e eu não tinha condições, e eu agachei assim pertinho da piscina e ele ficou lá dentro; ele entrou na água e disse, vem que eu estou aqui. E eu agachada chorando, chorando e ele: vem, vem... Ele ficou tanto tempo quanto precisou, e ele falava, não, eu estou aqui embaixo, não vai acontecer nada, chega bem pertinho com a cabeça, vai vindo e vem...”.

Nessa situação, o professor Roberto demonstrou respeito e sabedoria para lidar com os limites de cada aluno. Para que o leitor possa compreender melhor a situação, essa era uma aula com quase sessenta alunos e todos entravam na piscina ao mesmo tempo. O professor conseguiu observar que Luci estava chorando. Assim, podemos dizer que esse professor respeitou os limites da aluna e lhe passou a confiança necessária para que ela entrasse na piscina.

Segundo Almeida (2004b, p.82), “respeitar o aluno é aceitá-lo no ponto em que está. É conhecê-lo em sua etapa de formação. É não impor limites a seu desenvolvimento”.

Para que o professor possa aceitar o aluno no ponto em que está, a observação é a habilidade de que ele necessita.

“Observar é evidentemente registrar o que se pode ser verificado. Mas registrar e verificar é ainda analisar, é ordenar o real em fórmulas, é fazer-lhe perguntas. É a observação que permite levantar problemas, mas são os problemas levantados que tornam possível a observação”. (Wallon, 1975b, p. 16)

Podemos afirmar ainda que esse professor observou atentamente os indicadores de emoção de sua aluna, assim como Wallon enfatiza a observação como uma característica essencial para o desempenho de um bom professor.

Assim, o professor conseguiu identificar e atender às necessidades de sua aluna num momento de imperícia; tomou distância da emoção para ajudá-la a superar aquele momento, lidou com a emoção para racionalizá-la e ajudou Luci a vencer o medo.

“A imperícia é algo que nos é bastante familiar. Conhecemo-la, por nós próprios e como educadores. Sempre que queremos aprender um movimento novo ou ensiná-lo, temos de nos debater com a nossa imperícia ou com a dos nossos alunos”. (WALLON, 1975b, p. 125).

Luci relatou uma outra situação vivida com a professora Ana, que indicou também o olhar atento da professora:

“... uma vez ela me deu uma carona e ela falou para mim que ela sentiu que eu tinha medo de ser melhor que os outros. Ela falou que via isso em mim. Eu era muito nova ainda, e ela falou: eu acho que você tem medo de se destacar e as pessoas começarem a se voltar contra você. E ela falou: não sinta isso, mostre tudo o que você tem. Eu achei muito legal. E ela realmente percebeu e eu nem percebia assim...”

Almeida (2004a, p.135) relata a importância que Wallon dá à observação do professor para com seu aluno: *“a observação apura o olhar, não só do professor em relação ao aluno, mas em relação a si próprio [...]”*.

Afirma ainda que o professor pode “ler” o aluno: o olhar, a tonicidade, o cansaço, a atenção, o interesse são indicadores do andamento do processo de ensino que está oferecendo.

Portanto, fica clara a importância da observação. Se os professores não observassem atentamente seus alunos, jamais teriam essa percepção a respeito de Luci.

Como características pessoais dos professores lembrados por Luci que a marcaram positivamente estão, entre outras: inteligente, humilde, engraçado, espontâneo, cuidadoso, paciente, doce, calmo, forte e seguro. Já em relação às

características de atuação, aparecem: ensinar bem, ser bom professor, ser organizado, ser um professor modelo, etc.

Luci contou que a marca principal deixada em sua vida profissional é referente ao lado forte de sua professora Ana. Hoje, sente-se preparada para lidar com as mais variadas situações com seus alunos.

Uma outra influência da professora Ana é que, assim como ela, Luci utiliza música popular brasileira (MPB) em suas aulas de dança.

Por fim, Luci afirmou:

“... acho que tive muito a influência por aquele lado do coração mesmo, que é uma coisa que mexeu muito comigo. A importância de você fazer o aluno se sentir especial, porque realmente eu acho que isso é especial. O fato de uma pessoa te procurar para aprender ou estar aprendendo naquele momento com você, eu acho que isso é muito especial, então acho que isso influenciou muito...”

Luci apresentou como características pessoais do professor lembrado:

- amor à profissão
- inteligência
- humildade
- paciência
- bom-humor
- espontaneidade
- cuidado
- falar alto
- falar devagar
- doçura
- calma
- força
- segurança

- nervosismo
- confiança

E como características de atuação:

- ter competência
- ensinar bem
- ter organização
- ter didática
- ensinar devagar
- ser modelo
- ser excepcional como professor
- transmitir o conteúdo com bom-humor
- ajudar insistentemente o aluno a superar seus medos
- saber diferenciar aluno de atleta
- ter vaidade com seu trabalho
- gostar de ser reconhecido
- utilizar música popular brasileira durante as aulas de dança

LÍVIA – 24 anos

Atualmente é professora de dança em dois Colégios particulares da cidade de São Paulo; formou-se em Educação Física no ano de 2004.

RAZÕES DA ESCOLHA PROFISSIONAL DE LÍVIA	O PROFESSOR LEMBRADO	CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO PROFESSOR	CARACTERÍSTICAS DE ATUAÇÃO DO PROFESSOR	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PESSOAL DO EX-ALUNO	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PROFISSIONAL DO EX-ALUNO
<p>- sempre gostou de Educação Física</p> <p>- sempre quis ser professora de Educação Física</p> <p>- admirava os professores de Educação Física de seu Colégio</p>	<p>professor Jô - graduação</p>	<p>carismático, alegre, extrovertido e legal</p>	<p>seus exemplos do dia-a-dia facilitavam a compreensão dos alunos; tinha bastante conhecimento e transmitia o conhecimento de maneira que todos aprendiam; proporcionava um ambiente de liberdade para que os alunos pudessem se expressar e colocar idéias</p>		

LÍVIA – 24 anos

Atualmente é professora de dança em dois Colégios particulares da cidade de São Paulo; formou-se em Educação Física no ano de 2004.

RAZÕES DA ESCOLHA PROFISSIONAL DE LÍVIA	O PROFESSOR LEMBRADO	CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO PROFESSOR	CARACTERÍSTICAS DE ATUAÇÃO DO PROFESSOR	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PESSOAL DO EX-ALUNO	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PROFISSIONAL DO EX-ALUNO
	professor Lúcio - graduação	"coração de professor", amava a profissão, carismático, humilde	gostava de ensinar, exercia autoridade sem ser autoritário, estabelecia limites, tinha bastante conhecimento e transmitia o conhecimento para os alunos de maneira que todos aprendiam; proporcionava um ambiente de liberdade para que os alunos pudessem se expressar e colocar suas idéias	A pessoa pode ter autoridade sem ser autoritária "Eu lembro uma vez com o Lúcio que estava a maior zona na sala (a nossa sala fazia uma zona básica) e os outros professores mandavam para fora da sala. E ele exerceu a autoridade de uma forma que não foi autoritária,	

LÍVIA – 24 anos

Atualmente é professora de dança em dois Colégios particulares da cidade de São Paulo; formou-se em Educação Física no ano de 2004.

RAZÕES DA ESCOLHA PROFISSIONAL DE LÍVIA	O PROFESSOR LEMBRADO	CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO PROFESSOR	CARACTERÍSTICAS DE ATUAÇÃO DO PROFESSOR	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PESSOAL DO EX-ALUNO	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PROFISSIONAL DO EX-ALUNO
	professor Lúcio - graduação			mas ele falou: olha, eu estou aqui para ensinar, eu quero ensinar vocês, mas se vocês não quiserem, tudo bem. Aí a sala ficou quieta e isso me marcou porque todo mundo tomou consciência, não precisou ele falar de uma forma grosseira, o jeito dele foi...	

LÍVIA – 24 anos

Atualmente é professora de dança em dois Colégios particulares da cidade de São Paulo; formou-se em Educação Física no ano de 2004.

RAZÕES DA ESCOLHA PROFISSIONAL DE LÍVIA	O PROFESSOR LEMBRADO	CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO PROFESSOR	CARACTERÍSTICAS DE ATUAÇÃO DO PROFESSOR	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PESSOAL DO EX-ALUNO	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PROFISSIONAL DO EX-ALUNO
	obs. – no tópico vida profissional, Lívia fala ao mesmo tempo das marcas deixadas pelos dois professores, Jô e Lúcio			a maneira como ele contornou a situação; foi isso que eu achei legal”.	Lívia fala do professor como modelo. Hoje, em sua atuação, procura ser mais democrática, não ser estúpida. Admite que no futuro gostaria de ser admirada, assim como Jô e Lúcio. Procura ser carismática, humilde, transmitir o conteúdo, sem pensar que é a

LÍVIA – 24 anos

Atualmente é professora de dança em dois Colégios particulares da cidade de São Paulo; formou-se em Educação Física no ano de 2004.

RAZÕES DA ESCOLHA PROFISSIONAL DE LÍVIA	O PROFESSOR LEMBRADO	CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO PROFESSOR	CARACTERÍSTICAS DE ATUAÇÃO DO PROFESSOR	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PESSOAL DO EX-ALUNO	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PROFISSIONAL DO EX-ALUNO
	obs. – no tópico vida profissional, Lívia fala ao mesmo tempo das marcas deixadas pelos dois professores, Jô e Lúcio				detentora do conhecimento. Esforça-se para que suas crianças aprendam cada vez mais

LÍVIA

Lívia sempre gostou da disciplina de Educação Física e nunca pensou em buscar outra profissão. Sempre quis ser professora da área. Na época de colégio, admirava seus professores de Educação Física. *“Na escola, eu sempre me espelhei em meus professores de Educação Física; eu olhava e pensava: é isso que eu quero fazer futuramente, desde o colégio...”*

Lembrou-se de dois professores que a marcaram de forma positiva, ambos da graduação.

O primeiro foi o professor Jô, que Lívia descreveu como alegre, carismático e extrovertido.

Em sua atuação, destacava-se pelos exemplos que dava em aula que facilitavam a compreensão dos alunos. Lívia comentou que Jô tinha bastante conhecimento e a maneira como esse conhecimento era transmitido fazia com que todos absorvessem o conteúdo.

Proporcionava um ambiente de liberdade para que os alunos pudessem expressar e colocar suas idéias.

“... quando tinha dúvida, ele parava, a gente podia perguntar, a gente não tinha medo de perguntar, sabe, de colocar as nossas idéias. Tem professor que você fala, você nem consegue levantar a mão ou falar... Mas ele não; a gente sentia liberdade de perguntar e de trocar idéias e isso era muito legal”.

As emoções são as manifestações mais primitivas da pessoa e acompanham-na por toda a vida. Elas possibilitam a união entre o movimento, que lhe preexiste e a consciência que inaugura, através de uma relação conflituosa (WALLON, 1995).

O medo é oriundo da ruptura ou da perda de equilíbrio. Geralmente, ele surge quando a pessoa não consegue reconhecer seus apoios e estabelecer estratégias

para sair de uma situação. Estas situações provocam confusão mental e desorganização do tônus muscular (WALLON, 1995).

Nem sempre o medo é negativo, depende da sua intensidade. Quando é muito intenso, ele obstrui o cognitivo. Entretanto, numa intensidade menor, ele pode auxiliar o indivíduo a enfrentar situações com sucesso. No caso relatado por Livia, à medida que o professor deixava seus alunos mais à vontade, o medo desaparecia, facilitando o processo ensino-aprendizagem.

O outro professor citado por Livia foi Lúcio. Este, como ela mesma disse, tinha um “coração de professor”, amava a profissão, era humilde e carismático.

Exercia autoridade sem ser autoritário, estabelecia limites, tinha bastante conhecimento e, assim como o professor Jô, sabia transmitir o conteúdo aos alunos, dando liberdade para que todos esclarecessem suas dúvidas.

Mesmo em situações de indisciplina, esse professor conseguia conversar com os alunos de uma maneira tranqüila, fazendo-os refletir sobre a importância do motivo de estarem ali. Dessa forma, conseguia contornar a situação e trazer seus alunos para si, tendo a turma a seu favor e dando-lhes a oportunidade de aprenderem cada vez mais.

Para Livia, o professor é um modelo e, assim como Jô e Lúcio, tenta ser mais democrática, carismática, humilde, procurando transmitir o conteúdo sem pensar que é a detentora do conhecimento. Tem como objetivo fazer com que seus alunos aprendam cada vez mais.

Livia apresentou como características pessoais do professor lembrado:

- amor à profissão
- coração de professor
- humildade
- carisma

- alegria
- extroversão
- ser “legal”

E como características de atuação:

- ter conhecimento
- saber transmitir o conhecimento aos alunos
- gostar de ensinar
- proporcionar um ambiente de liberdade para que os alunos possam se expressar
- exercer autoridade sem ser autoritário
- estabelecer limites
- dar exemplos do dia-a-dia para facilitar a compreensão dos alunos

LUÍS – 37 ANOS

Trabalha como professor de artes marciais e com informática; formou-se em Educação Física no ano de 2004.

RAZÕES DA ESCOLHA PROFISSIONAL DE LUÍS	O PROFESSOR LEMBRADO	CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO PROFESSOR	CARACTERÍSTICAS DE ATUAÇÃO DO PROFESSOR	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PESSOAL DO EX-ALUNO	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PROFISSIONAL DO EX-ALUNO
<p>- sempre gostou de ensinar</p> <p>- sempre gostou de praticar esportes</p> <p>- durante o cursinho, Luís teve a oportunidade de lecionar em um colégio estadual e afirmou que gostou bastante dessa experiência</p>	professor Lima – graduação		organizado em aula, preocupado, demonstrava respeito por seus alunos ao planejar o conteúdo de suas aulas; dedicado, entregue, gostava de ensinar, pontual, preocupado com sua imagem		
	professor Gustavo – graduação	bom-humor	determinado, organizado em aula, esforçado		

LUÍS – 37 ANOS

Trabalha como professor de artes marciais e com informática; formou-se em Educação Física no ano de 2004.

RAZÕES DA ESCOLHA PROFISSIONAL DE LUÍS	O PROFESSOR LEMBRADO	CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO PROFESSOR	CARACTERÍSTICAS DE ATUAÇÃO DO PROFESSOR	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PESSOAL DO EX-ALUNO	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PROFISSIONAL DO EX-ALUNO
	professora Wilma – graduação	simpática, bem-humorada	facilitava o relacionamento entre aluno e professor; procurava transmitir o conteúdo de uma maneira próxima dos alunos, falava na linguagem do aluno; empatia; atrapalhada		
	professor Paulo – graduação	dedicado, sério	às vezes faltava planejamento; respeitava os alunos		
	professor Dudu – graduação	falava de forma tranquila, calmo	Organizava as idéias de forma simples e coerente; organizado; consequia atenção e		

LUÍS – 37 ANOS

Trabalha como professor de artes marciais e com informática; formou-se em Educação Física no ano de 2004.

RAZÕES DA ESCOLHA PROFISSIONAL DE LUÍS	O PROFESSOR LEMBRADO	CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO PROFESSOR	CARACTERÍSTICAS DE ATUAÇÃO DO PROFESSOR	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PESSOAL DO EX-ALUNO	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PROFISSIONAL DO EX-ALUNO
	professor Dudu – graduação		disciplina sem precisar se exaltar ou se impor. Transmitia o conteúdo de maneira tranquila		
	professor Vieira - graduação				“O pessoal não gostava e eu também não gostava do método que ele aplicava (em todas as aulas, o professor usava um retro projetor e a aula inteira, os alunos passavam copiando o conteúdo da lousa;

LUÍS – 37 ANOS

Trabalha como professor de artes marciais e com informática; formou-se em Educação Física no ano de 2004.

RAZÕES DA ESCOLHA PROFISSIONAL DE LUÍS	O PROFESSOR LEMBRADO	CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO PROFESSOR	CARACTERÍSTICAS DE ATUAÇÃO DO PROFESSOR	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PESSOAL DO EX-ALUNO	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PROFISSIONAL DO EX-ALUNO
	professor Vieira- graduação				ele era chamado pelos alunos de retroprofessor)". Ao comentar a situação que viveu com o professor Vieira, deixa claro que embora não concordasse com o método que o professor utilizava para transmitir o conteúdo, admirou o respeito que este mesmo professor teve ao ouvir a crítica dos alunos e

LUÍS – 37 ANOS

Trabalha como professor de artes marciais e com informática; formou-se em Educação Física no ano de 2004.

RAZÕES DA ESCOLHA PROFISSIONAL DE LUÍS	O PROFESSOR LEMBRADO	CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO PROFESSOR	CARACTERÍSTICAS DE ATUAÇÃO DO PROFESSOR	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PESSOAL DO EX-ALUNO	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PROFISSIONAL DO EX-ALUNO
	professor Vieira - graduação				percebe ainda que a maneira como os alunos conversaram com o professor também foi importante para estabelecer diálogo
	não especificou nenhum professor			afirma que assim como alguns de seus professores, hoje procura estar sempre de bom-humor.	procura ser comprometido com o trabalho, responsável, organizado e ter respeito pelas pessoas

LUÍS

Ao comentar as razões de sua escolha profissional, Luís afirmou que sempre gostou de ensinar e percebeu isso durante o tempo de cursinho em que teve a oportunidade de lecionar em um colégio estadual.

Afirmou ter escolhido a Educação Física por gostar de praticar esportes e para ter a certeza da sua escolha profissional.

Quanto aos seus professores marcantes, Luís mencionou alguns nomes, todos da graduação.

Inicialmente, citou o professor Lima. Organizado em aula, preocupado, demonstrava respeito por seus alunos ao planejar o conteúdo de suas aulas; dedicado, entregue, gostava de ensinar, era pontual e preocupado com sua imagem.

“O Lima era um professor de quem eu gostava porque uma qualidade que eu valorizo e procuro ter é organização daquilo que você tem que apresentar. Eu gostava da forma que ele organizava e se preocupava. Para mim, aquilo representava respeito pelos alunos, uma dedicação, uma entrega com aquilo que ele fazia, é gostar daquilo. É isso que eu quero também e eu estou buscando isso, uma atividade, uma profissão, exercer uma atividade que eu tenha essa vontade de exercer com paixão de querer fazer mais e melhor e não porque eu simplesmente estou empregado naquele lugar. Porque o fato de eu fazer aquilo me dá prazer, já é suficiente para eu ter motivação”.

Essa afirmação de Luís vai ao encontro dos dados agrupados na revisão de literatura desta pesquisa, em que autores como CUNHA (2004), PIMENTEL (2005), GOMES E MENDES (1999), MORALES (2004) e LEITE (2006) apontam a importância de um professor que respeita seus alunos, que planeja o conteúdo de suas aulas, demonstrando organização e vontade de ensinar. Além disso, o fato de o professor deixar transparecer que gosta de sua profissão também foi citado como uma importante característica por Luci e Lívia.

Também citado por Luís foi o professor Gustavo: bem-humorado, determinado, organizado em aula e esforçado.

“Outro professor de quem eu gostava...É na verdade um exemplo de luta, de superar dificuldades: é o Gustavo, que teve bastante dificuldade, superou tudo isso; então isso também serviu de exemplo para nos fazer entender que mesmo tendo dificuldade, a gente não deve parar, a gente deve ir fazendo o que precisa, na hora que for a hora certa vai acontecer, se tiver que acontecer... senão vai acontecer outra coisa e assim”.

Esse professor serviu de exemplo de superação de grandes dificuldades para estudar e chegar àquele ponto. Conseguiu transmitir, além do conhecimento, valores que Luís carrega hoje em sua vida.

Essa idéia concorda com Morales (2004), que afirma: “qualquer que seja a nossa postura pessoal, transmitimos mais do que ensinamos formalmente...”

A terceira professora citada por Luís foi a professora Wilma. Esta era simpática e bem-humorada. Além disso, facilitava o relacionamento entre professor e aluno e procurava transmitir o conteúdo de uma maneira próxima aos alunos.

“... aquela forma dela procurar transmitir de uma forma próxima do aluno, falar na linguagem do aluno, tentar se aproximar dele. Acho que isso é uma qualidade boa, não é?... Você tenta se colocar no lugar da pessoa...”

Essa professora mantinha um relacionamento próximo com os alunos e, nas palavras de Luís, colocava-se no lugar do outro, o que é extremamente importante para compreendê-lo. Para Wallon, compreender o professor e o aluno implica colocar-se em seu lugar.

Luís citou também o professor Paulo. Sério com seu trabalho, dedicado e respeitador.

Luís comentou que embora esse professor apresentasse tais qualidades, em algumas aulas demonstrava falta de planejamento; explicou que em muitas

situações, os alunos ficavam sem conteúdo para discutir e assim permaneciam na aula apenas para responder à chamada.

Esse fato nos mostra que Luís observou o comportamento e as ações do professor Paulo e conseguiu perceber qualidades e também algumas falhas em sua atuação docente, o que indica que não existe “professor perfeito”. Este também está em constante transformação, assim como os alunos.

Podemos afirmar que as necessidades de obtenção de conhecimento de Luís nessas aulas não foram totalmente supridas, gerando assim um desconforto pela não satisfação das suas necessidades.

Morales (2004) afirma que a influência do professor sobre o aluno pode ser positiva ou negativa, dependendo da qualidade da relação e da satisfação das necessidades de ambas as partes.

Outro professor citado por Luís, Dudu, falava de forma tranqüila e era calmo. Em suas aulas, organizava as idéias de maneira simples e coerente. Era organizado e criava um ambiente tranqüilo em que os alunos mantinham a atenção e a disciplina sem que ele precisasse se exaltar ou se impor.

Vieira foi o último professor citado. Desse “retro professor” Luís narrou somente uma situação em que os alunos foram reclamar ao professor do método utilizado em todas as aulas “o retro projetor”. O professor ouviu atentamente as críticas, respeitando e explicando o porquê de sua escolha por aquele método.

Para Luís, essa foi uma atitude de respeito pelos alunos. “... *Ele nos ouviu e respeitou...*”

Hoje, Luís afirma que procura estar sempre de bom-humor, ser comprometido com o trabalho, responsável, organizado e ter respeito pelas pessoas, características que herdou de seus ex-professores da graduação.

Luís apresentou como características pessoais do professor lembrado:

- bom-humor
- simpatia
- dedicação
- seriedade
- tranquilidade no falar
- calma

E como características de atuação:

- amor à profissão
- respeito pelos alunos
- organização
- preocupação
- dedicação
- entrega
- planejamento de aulas adequadas à turma
- pontualidade
- preocupação com a imagem
- determinação
- esforço
- facilitar o relacionamento entre aluno e professor
- transmitir o conteúdo de uma maneira próxima aos alunos
- falar na linguagem dos alunos
- empatia
- atrapalhão
- às vezes falta de planejamento
- organizar as idéias de forma simples e coerente
- conseguir atenção e disciplina sem precisar se exaltar ou se impor
- transmitir o conteúdo de maneira tranqüila

EVA – 24 anos

Professora de Educação Física de primeiro ao quarto ano da rede estadual na cidade de São Paulo, formou-se em Educação Física no ano de 2004.

RAZÕES DA ESCOLHA PROFISSIONAL DE EVA	O PROFESSOR LEMBRADO	CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO PROFESSOR	CARACTERÍSTICAS DE ATUAÇÃO DO PROFESSOR	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PESSOAL DO EX-ALUNO	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PROFISSIONAL DO EX-ALUNO
<p>- teve influência da família</p> <p>- sempre quis trabalhar com a educação</p> <p>- teve influência de um professor de Educação Física no Ensino Médio</p>	<p>professor Rinaldo – Ensino Médio</p>	<p>disponível, sensível, fantástico, carinhoso, cuidadoso, amigo, atencioso, preocupado, humano</p>	<p>mantinha relação próxima com os alunos, não privilegiava os melhores, visão humanista e valorizava a cooperação</p>	<p>“O professor Rinaldo foi um ídolo, um exemplo ensinando que: seja feliz, estando bem consigo mesmo desde que não prejudique os outros”.</p>	<p>“... a visão que se tem de Educação Física é isso: só o melhor, só quem ganha campeonato, e eu aprendi por essa escola e por esse professor que não era bem assim”. Eva percebe que todos os alunos devem ser valorizados</p>

EVA – 24 anos

Professora de Educação Física de primeiro ao quarto ano da rede estadual na cidade de São Paulo, formou-se em Educação Física no ano de 2004.

RAZÕES DA ESCOLHA PROFISSIONAL DE EVA	O PROFESSOR LEMBRADO	CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO PROFESSOR	CARACTERÍSTICAS DE ATUAÇÃO DO PROFESSOR	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PESSOAL DO EX-ALUNO	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PROFISSIONAL DO EX-ALUNO
- sempre praticou esportes durante sua infância e adolescência; isso também a fez querer trabalhar com Educação Física	professora Lana - graduação	arrogante	mantinha relação distante com os alunos, demonstrava gosto pela arte	a professora questionou o nome de um quadro aos alunos, duvidando que alguém soubesse o nome do mesmo, porém Eva sabia para a surpresa da professora. Este episódio demonstrou a Eva que o professor não deve subestimar os alunos	

EVA – 24 anos

Professora de Educação Física de primeiro ao quarto ano da rede estadual na cidade de São Paulo, formou-se em Educação Física no ano de 2004.

RAZÕES DA ESCOLHA PROFISSIONAL DE EVA	O PROFESSOR LEMBRADO	CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO PROFESSOR	CARACTERÍSTICAS DE ATUAÇÃO DO PROFESSOR	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PESSOAL DO EX-ALUNO	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PROFISSIONAL DO EX-ALUNO
	professora Maria - graduação	chata, neurótica, certinha, metódica, organizada, exigente e detalhista	dava uma super-aula, organizava bem a teoria e a prática, cobrava muito de seus alunos; ótima professora, correta; mantinha relações próximas com os alunos		com essa professora aprendeu como elaborar um bom planejamento de aulas e utiliza isso em sua vida profissional

EVA – 24 anos
Professora de Educação Física de primeiro ao quarto ano da rede estadual na cidade de São Paulo, formou-se em Educação Física no ano de 2004.

RAZÕES DA ESCOLHA PROFISSIONAL DE EVA	O PROFESSOR LEMBRADO	CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO PROFESSOR	CARACTERÍSTICAS DE ATUAÇÃO DO PROFESSOR	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PESSOAL DO EX-ALUNO	MARCAS DEIXADAS NA VIDA PROFISSIONAL DO EX-ALUNO
	Eva cita o professor com o qual realizou seu estágio de Educação Física durante o período de faculdade; era um professor da escola que trabalhava, porém Eva não lembrou o seu nome		ótimo professor, professor modelo		aprendeu o que hoje se utiliza para lecionar

EVA

Eva relatou que sempre teve vontade de trabalhar com a educação, pois em sua família havia muitos educadores. Além disso, explicou que a escolha pela área da Educação Física deu-se principalmente por influência de um professor do Ensino Médio. Eva já praticava esportes desde a infância, mas fica claro em seu discurso que a influência desse professor foi decisiva em sua escolha profissional.

Essa descrição corrobora a opinião de Ronca (2005) quando afirma o papel marcante desempenhado por professores na formação pessoal e profissional de seus alunos.

Quando pedi a Eva que indicasse o nome de um ou mais professores da graduação que a tivessem marcado de maneira positiva, ela respondeu imediatamente: foi o professor Rinaldo, professor de Educação Física do Ensino Médio.

“O professor Rinaldo como pessoa era um cara fantástico, super carinhoso, atencioso, super preocupado. E também como profissional dez mil vezes melhor, então era um cara que participou ativamente da minha formação de acordo com a maneira profissional e também na questão pessoal, porque adolescência é aquela fase de... você sempre quer a busca de um ídolo, quer sempre ter algum exemplo. O Rinaldo foi o cara em todos os sentidos, ele é o cara no sentido pessoal e profissional. Muito bom”.

Embora eu houvesse pedido professores da graduação, não comentei nada e continuei a entrevista, respeitando a fala da ex-aluna. Porém, depois que Eva disse tudo a respeito do professor do Ensino Médio, perguntei se ela se lembrava de algum outro professor que a tivesse marcado de maneira positiva na graduação; ela respondeu que sim, porém que nenhum se igualava ao professor Rinaldo. Continuou, comentando que aprendeu com ele que todos devem ser felizes, estando bem consigo mesmo, desde que não prejudiquem ninguém. *“Queira ou não, o professor é um modelo, na sua forma de relacionar-se, de expressar seus valores, na forma de resolver os conflitos, na forma de falar e ouvir”.* (MAHONEY e ALMEIDA, 2005)

Outro aspecto chamou bastante a atenção: Eva foi a única dentre os entrevistados que mencionou a escola de Ensino Fundamental e Médio que freqüentou. Relatou que a escola era muito boa e tinha uma excelente proposta em Educação Física:

1 - Valorização do esporte.

2 - Criação de projetos que o aluno poderia escolher para participar.

2.1 – alunos mais velhos desenvolviam atividades, vivências e organizavam os intervalos dos alunos mais novos.

2.2 – o projeto era desenvolvido também fora da escola, na rede estadual de ensino, com surdos-mudos.

3 – Criação de uma escola de esportes para que os alunos pudessem trabalhar assim que iniciassem a faculdade.

Esse foi um dado importante para compreender o contexto em que trabalhava o professor Rinaldo: um bom professor dentro de uma boa escola, o que mostra que uma boa escola é aquela que atrai bons professores.

“O projeto pedagógico em Educação Física nessa escola é muito bom; se não fosse por isso talvez eu nem tivesse conhecido esse professor (Rinaldo) e nem teria tido um contato tão próximo com a Educação Física”.

“A escola – diz Paul Langevin – é uma verdadeira empresa de cultura da qual o indivíduo só se aproveita plenamente se for conduzido e apoiado pelo meio escolar”. MERANI (1977)

Wallon em toda a sua obra valoriza a escola como sendo um centro de difusão da cultura que precisa assegurar a continuidade do passado na direção do futuro e afirma que: “a ação da escola não se limita à instrução, mas se dirige à pessoa inteira e deve converter-se em um instrumento para seu desenvolvimento e pressupõe a integração entre as dimensões afetiva, cognitiva e motora [...]” ALMEIDA (2004b, p.78).

Posteriormente, Eva começou a se lembrar de seus ex-professores da graduação. As características pessoais desses professores em contraste com as do professor Rinaldo tinham uma conotação bastante negativa e provocavam fortes emoções também bastante negativas. Assim mesmo, eles marcaram positivamente pelas características de sua atuação docente. Foram considerados excelentes professores com quem Eva aprendeu muito e que marcaram positivamente sua vida profissional.

Uma das professoras citadas foi Lana. Em uma aula, a professora questionou o título de uma pintura clássica, duvidando que alguém soubesse. Porém, Eva respondeu corretamente, demonstrando que conhecia o quadro, para a surpresa da professora. Este foi um episódio em que Eva percebeu que a professora subestimou o conhecimento dos alunos. Para Wallon, confiar na capacidade do aluno é fator fundamental para que o mesmo aprenda.

Essa mesma professora entrava, dava aula, não falava com ninguém e ia embora. Certamente ignorava fatores fundamentais, como conhecer seus alunos e o meio em que estavam inseridos. Ignorava que, assim como o professor, o aluno também é uma pessoa completa, com afeto, cognição e movimento e que o comportamento de um interfere no comportamento do outro.

“...Um mestre que tem verdadeiramente consciência das responsabilidades que lhe estão confiadas tem de se decidir solidariamente com os seus alunos sabendo deles quais são as suas condições de vida. Não deve ser o magíster que lhes vem dizer: ignoro como vocês vivem na vossa família. Ignoro qual é a vossa condição social. Ignoro o que vocês serão amanhã. Em relação ao vosso futuro, só acredito nos vossos êxitos na escola...”
(WALLON, 1979)

Provoca estranhamento que Eva tenha apresentado características pessoais das professoras da graduação que a marcaram positivamente, como arrogante, chata, louca, neurótica, metódica e exigente. Porém, quando citou as características profissionais dessas mesmas professoras, afirmou que todas eram ótimas, que aprendeu muito com elas e que marcaram sua vida profissional. Disse ela:

“A outra professora era a professora Maria, que era uma chata, uma louca, uma neurótica; só que a outra disciplina dela que eu também gostava “pra caramba” era didática e prática de ensino, muito mais voltada para a questão educacional. Só que assim: a Maria sem dúvida é a pessoa mais chata que eu já vi. Mas ela dava uma super-aula, que por ela ser certinha, metódica, ela conseguia organizar muito bem a teoria com a prática e era muito legal; aprendi muito com ela. Mas a Maria, tenho certeza que só pelo profissional e não pelo pessoal...”

O objetivo central desta pesquisa era estudar as marcas positivas. Entretanto, neste caso foram indicadas características pessoais que tinham uma conotação negativa, como por exemplo, arrogante, chata, e ainda assim, esses professores marcaram positivamente pelo resultado da aprendizagem, isto é, pelas características do seu desempenho profissional, garantindo uma boa aprendizagem. Isso mostrou que o mais fundamental para a aprendizagem de Eva foi a competência com que o professor exerceu seu papel de mediador entre o conteúdo a ser ensinado e o sujeito da aprendizagem, mesmo quando suas características pessoais eram um tanto quanto negativas.

Por fim, Eva citou que uma das marcas deixadas em sua vida profissional refere-se à desmistificação de que na Educação Física só se valorizam aqueles que apresentam um bom desempenho; ao contrário, aprendeu que valores, como cooperação, respeito, atendimento das necessidades individuais de cada um vão muito além do que ter um belo corpo e habilidade para os esportes.

Comentou que muito do que faz hoje em seu trabalho, como planos de aula e estratégias de ensino, aprendeu com sua ex-professora Maria. Um outro professor que Eva citou no último parágrafo de sua entrevista, chamado por mim de “professor do estágio”, também contribuiu para sua prática profissional nos dias de hoje. Durante a faculdade, Eva tinha que realizar diversos estágios, um deles no Ensino Fundamental.

No estágio com o professor acima citado, afirmou que por conta de hoje trabalhar no Ensino Fundamental, é desse professor, cujo nome foi esquecido, que ela utiliza tudo o que aprendeu.

“O que me marcou muito, acho que minha maior influência para as aulas que dou hoje, foi durante o meu período de estágio, que o professor que era... (eu fazia estágio de primeira a quarta) era um super professor também; eu o odiava pessoalmente; era um cara que eu queria vomitar, mas era um super professor, e eu aprendi muito com ele; acho que a influência direta como modelo de aula, como dinâmica de aula, até exemplos de atividades, acho que foi com esse professor...”!

Em todas as situações relatadas por Eva estão entrelaçados os domínios cognitivo e afetivo, com diferentes predominâncias em relação às características pessoais descritas em que se destacaram sentimentos negativos. Porém, em relação ao desempenho profissional desses mesmos professores, predominaram sentimentos positivos.

Esses dados mostraram que o que mais marcou positivamente foi o desempenho profissional com competência desses professores. Em relação à dimensão afetiva, o que mais contou para o processo ensino-aprendizagem foram os sentimentos e emoções despertados pela atuação do professor, mesmo quando as suas características pessoais tinham um peso negativo muito forte.

Eva apresentou como características pessoais do professor lembrado:

- disponibilidade
- sensibilidade
- fantástico
- carinho
- cuidado
- amizade
- atenção
- preocupação
- humanidade
- arrogância
- chatice
- neurose

- “certinha”
- metódica
- organização
- exigente
- detalhista

E como características profissionais:

- manter relações próximas com os alunos
- não privilegiar os melhores
- ter uma visão humanista
- valorizar a cooperação
- manter relação distante com os alunos
- demonstrar gosto pela arte
- dar uma super-aula
- organizar bem a teoria e a prática
- cobrar muito de seus alunos
- ser ótimo professor
- ser correto
- ser professor modelo

- Conclusão

Com relação às características da atuação do professor que marcaram positivamente ex-alunos da graduação em Educação Física, ficou evidenciado que é indispensável que o professor tenha conhecimento sobre sua disciplina e saiba transmitir esse conhecimento de maneira simples e coerente. Outro ponto importante para os sujeitos desta pesquisa é que o professor ame a sua profissão, goste de ensinar e seja organizado em aula. É necessário também que o mesmo respeite seus alunos e mantenha contato próximo com a turma. Características, como bom-humor, simpatia, dedicação, também apareceram nos depoimentos, porém a mais enfatizada foi sem dúvida a necessidade de que o professor tenha conhecimento e saiba transformar esse conhecimento em ensino.

Entre os entrevistados, pudemos perceber que Luci e Lívia falaram apenas aspectos positivos dos professores. Já Luís conseguiu discriminar de um lado qualidades positivas convivendo com qualidades negativas, e essa discriminação ficou mais forte no discurso de Eva.

Respondendo diretamente ao problema proposto para esta pesquisa, elaboramos um quadro com as características de atuação de professores que marcaram positivamente ex-alunos da graduação em Educação Física:

CARACTERÍSTICAS DA ATUAÇÃO DO PROFESSOR QUE MARCARAM POSITIVAMENTE EX-ALUNOS DA GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Organizado em aula, preocupado, demonstrava respeito por seus alunos ao planejar o conteúdo de suas aulas, dedicado, entregue, gostava de ensinar, pontual, preocupado com sua imagem, determinado, esforçado, facilitava o relacionamento entre aluno e professor, procurava transmitir o conteúdo de uma maneira próxima dos alunos, falava na linguagem do aluno, tinha empatia, organizava as idéias de forma simples e coerente, conseguia atenção e disciplina sem precisar se exaltar ou se impor, exercia autoridade sem ser autoritário, estabelecia limites, transmitia o conteúdo de maneira tranqüila, tinha uma forma engraçada de explicar as coisas, insistente em ajudar o aluno a superar seus medos, sabia diferenciar aluno de atleta, vaidoso com seu trabalho, gostava de ser reconhecido, competente, ensinava bem, excepcional como professor, didático, modelo de professor, ensinava devagar, seus exemplos do dia-a-dia facilitavam a compreensão dos alunos, tinha bastante conhecimento, proporcionava um ambiente de liberdade para que os alunos pudessem se expressar e colocar idéias, mantinha relação próxima com os alunos, não privilegiava os melhores, tinha visão humanista e valorizava a cooperação, organizava bem a teoria e a prática, cobrava muito de seus alunos, era correto.

“Uma professora que me marcou muito, (...) conseguia inculcar no aluno um grande prazer não só pela leitura, mas em admirar a qualidade da prosa e da poesia em língua portuguesa. (...) foi uma das primeiras pessoas que começou a apreciar as babaquices que eu falava, começou a ver ali algum rasgo de inteligência. Então, ela tem uma certa culpa por eu ter virado o que eu sou hoje (...)”. (Marcelo Madureira, humorista, in: Portal Educacional).

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

“[...] a teoria enfatiza a pessoa com as dimensões afetiva, cognitiva e motora integradas e se nutrindo reciprocamente, o professor deve basear sua ação fundamentado no pressuposto de que o que o aluno conquista no plano afetivo é um lastro para o desenvolvimento cognitivo, e vice-versa. A teoria pressupõe uma íntima relação entre emoção e cognição, logo o professor precisa criar condições afetivas para o aluno atingir a plena utilização do funcionamento cognitivo, e vice-versa”. (Almeida, 2004, p. 126)

Realizar esta pesquisa, que buscou identificar as características da atuação de professores que marcaram positivamente ex-alunos da graduação em Educação Física, foi uma tarefa extremamente prazerosa e gratificante para mim.

Os resultados desta pesquisa forneceram pistas para elucidar o que verdadeiramente marca de forma positiva um aluno e faz com que após vários anos, este guarde em sua memória as características da atuação de um determinado professor.

Utilizar como referencial teórico a teoria de desenvolvimento de Henri Wallon enriqueceu este estudo, já que Wallon tem um respeito muito grande pela pessoa do professor, que é o ator principal desta pesquisa. Para ele, ninguém nasce professor; torna-se professor nas relações que estabelece nos diferentes contextos e nos diferentes caminhos percorridos. Além disso, a teoria oferece recursos para a compreensão do professor em relação aos limites e possibilidades de seus alunos durante o processo ensino-aprendizagem, possibilitando condições que auxiliem esse processo.

Concordo com Mahoney (2004a), quando aponta que a atuação do professor precisa ter consistência, organização, sugeridas tanto por conhecimentos teóricos sobre as características de cada estágio do desenvolvimento como pelas formas em que esses conhecimentos se traduzem no seu comportamento e que revelam

também o seu saber, derivado de sua prática, principalmente pelos resultados obtidos na situação concreta de sala de aula.

Neste estudo, as informações obtidas confirmaram que o professor é uma figura de grande importância na vida pessoal e profissional de cada aluno pesquisado.

Almeida (2004) nos mostra que Wallon nos deixou muitas outras lições, e enfatiza: *“Somos componentes privilegiados do meio de nosso aluno. Torná-lo mais propício ao seu desenvolvimento é nossa responsabilidade”*.

Portanto, conhecer e aceitar o desenvolvimento como resultado da integração das dimensões afetiva-cognitiva-motora nos leva a organizar uma prática pedagógica adequada às necessidades de nossos alunos e às nossas próprias necessidades.

Uma questão importante foi que os dados apresentados demonstraram a importância das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores em sala de aula. Assim como afirmam Leite e Tagliaferro (2005): questões como a natureza dos conteúdos, sua organização e a forma como são apresentados interferem decisivamente na relação aluno-objeto de conhecimento.

O processo ensino-aprendizagem não envolve somente questões cognitivas, mas também afetivas. Portanto, as relações de ensino-aprendizagem incluem também um processo afetivo. Dessa forma, a qualidade da mediação do professor pode gerar diferentes tipos de sentimentos na relação sujeito-objeto.

As manifestações afetivas são essenciais para que possamos compreender como se expressa tanto a pessoa do aluno quanto a do professor, e assim buscarmos atender às necessidades reais que possam surgir no processo de interação com o meio.

“(...) ao professor compete canalizar a afetividade para produzir conhecimento; na relação professor-aluno, aluno-aluno, aluno-grupo, reconhecer o clima afetivo e aproveitá-lo na rotina diária de sala de aula para provocar o interesse do aluno...” (Almeida, 2004a, p.126)

Nesse sentido, a observação e a atenção do professor para com o aluno tornam-se indispensáveis indicadores para suas ações. Além disso, o respeito pelas necessidades e limites individuais de cada um também é igualmente importante, lembrando sempre que: “A formação psicológica dos professores não pode ficar limitada aos livros. Deve ter uma referência perpétua nas experiências que eles próprios podem pessoalmente realizar”. (Wallon, 1975b, p. 366)

De modo geral, os aspectos ressaltados pelos quatro entrevistados quando indagados sobre as características da atuação de seus ex-professores que os marcaram de maneira positiva foram: o domínio do conteúdo, a maneira como esse conteúdo é transmitido e o bom relacionamento entre professor e aluno. De fato, são aspectos marcantes e fundamentais na atuação dos professores, como aponta a literatura (CUNHA, 2004; PIMENTEL, 2005; GOMES E MENDES, 1999; MORALES, 2004; PATRÍCIO, 2005; LEITE E TAGLIAFERRO, 2005).

Além disso, um dos depoimentos também revelou que uma boa escola marca positivamente o aluno.

Dos quatro entrevistados, três apresentaram opiniões parecidas a respeito do que vem a ser um professor que marca de maneira positiva.

Porém, uma das entrevistadas trouxe dados surpreendentes quando, em suas respostas, a maioria dos professores citados como marcantes eram aqueles pelos quais ela nutria sentimentos negativos: “*Era uma pessoa super arrogante...*”, “*Eu o odiava pessoalmente...*”, “*Era um cara que eu queria vomitar...*”, “*Sem dúvida era a pessoa mais chata que eu já conheci...*”.

Porém, ao falar desses mesmos professores em sua atuação profissional, revelou: *“Eu era fissurada pelas aulas dela...”*, *“Ela dava uma super duma aula...”*, *“Era um super professor, e eu aprendi muito com ele...”*

Curiosamente, ao iniciar esta pesquisa, eu imaginava que iria encontrar somente características pessoais positivas do professor que deixasse marcas na vida de seus ex-alunos. Encontrei mais do que isso. Encontrei características pessoais tanto positivas quanto negativas, e ainda constatei que as marcas relatadas pelos alunos estão imbricadas, o pessoal no profissional e o profissional no pessoal.

Observei também que os professores no início da profissão, com pouca experiência, vêem nos professores que deixaram marcas um modelo de atuação. Então, mesmo um professor que foi considerado como “exigente, chato, duro e etc.”, mas que apresentava um planejamento de aulas, mostrava como desenvolvê-lo e executava suas propostas de forma a comunicar seu conhecimento aos alunos didaticamente, é lembrado.

Hoje, meu conhecimento da atuação dos entrevistados me permite afirmar que com o passar do tempo, ao invés de “imitar” seus ex-professores, eles começaram a criar seu próprio estilo de lecionar, verificando assim o que trazia resultados ou não. Dessa forma, passaram da “imitação” para a “autonomia”.

Eu mesma passei por essa experiência. Em minhas primeiras aulas, buscava em minha memória características e condutas de meus ex-professores, queridos e admirados, que pudessem ajudar em meu caminhar. Com o tempo, percebi que já estava mais segura e aos poucos fui incluindo minhas próprias características.

Hoje, percebo que tenho um jeito próprio, único de ensinar, composto por muitos que comigo caminharam, mas criado por mim na maneira de ser e de me fazer professora. Usando a teoria Walloniana, tenho comigo muitos “socius” que me ajudam a ser cada dia melhor. Ser professor, então, é realmente algo que se constrói no dia-a-dia, no relacionamento com os alunos e nas lembranças dos ex-professores.

Cabe a nós, professores, pensar, repensar e cada vez mais compreender a imensa importância do nosso papel na formação do indivíduo e na transformação da sociedade.

Vale ressaltar que, assim como Wallon ensinou, nós, professores, precisamos compreender a singularidade de cada um de nossos alunos, respeitando seus limites e criando condições para que possam se desenvolver como cidadãos participantes e solidários.

Considero que esta pesquisa seja mais uma a trazer elementos para reflexão a respeito da formação de professores e desempenho de professores de Educação Física. Porém, acredito que outras pesquisas podem auxiliar ainda mais nessas questões.

Finalizo este trabalho com a impressão de que os alunos sabem reconhecer um bom professor, um professor que marca de maneira positiva. Porém, surgem muitas outras questões, que certamente fazem com que eu continue refletindo, analisando, discutindo e pesquisando essa figura tão especial que é o professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, F. (Org.) **Meu Professor Inesquecível**. 3 ed., São Paulo: Gente, 1997.

ALMEIDA, L.R. Ser professor: um diálogo com Henri Wallon. In: **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2004a.

_____. Wallon e a Educação. In: ALMEIDA, L.R. e MAHONEY, A.A. (orgs). **Henri Wallon: Psicologia e Educação**. 4 ed., São Paulo: Loyola, 2004b.

ANDERY, M.A.P.A. e SÉRIO T.M.A.P. A prática, a história e a construção do conhecimento: Karl Marx. In: **Para compreender a ciência – uma perspectiva histórica**. 15 ed., Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BOGDAN, R. e BIKLEN, S.K. Qualitative Research for Education. In: Lüdke, M. e André, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986.

CANETTI, E. **A Língua Absolvida: história de uma juventude**. 5 ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CUNHA, M. I. **O Bom Professor e sua Prática**. 16 ed., Campinas: Papirus, 2004.

DUARTE, V. C. Transformando Doras em Carmosinas: uma tentativa bem sucedida. In: CELANI, M.A.A. (Org). **Professores e Formadores em Mudança: relato de um processo de reflexão e transformação da prática docente**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

GOMES, M. O. e MENDES, O. M. **Lembranças do Bom Professor**. Revista Presença Pedagógica, v.5, n.26, p. 57-62, 1999.

KIROUAC, G. Lês Émotions. In: Richele, M. et alii. **Traité de Psychologie Experimentale**. Paris: PUF, 1994.

LEITE, S.A.S. (Org.) **Afetividade e Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

LEITE, S.A.S. e TAGLIAFERRO, A.R. **A Afetividade na Sala de Aula: um professor inesquecível**. Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, v.9, n.2, p. 247-260, 2005.

MAHONEY, A.A. e ALMEIDA, L.R. (Org). **A Constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. Afetividade e Processo Ensino-Aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. In: **Psicologia da Educação**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados. PUC-SP, n.20, pp. 11-30, 2005.

MAHONEY, A. A. Contribuições de H. Wallon Para a Reflexão Sobre Questões Educacionais. In: PLACCO, V.M.N.S. (Org.) **Psicologia & Educação: revendo contribuições**. São Paulo: Educ, 2005.

MARX, K. e ENGELS, F. **A ideologia alemã. Feuerbach - A oposição entre as concepções materialista e idealista**. São Paulo: Martin Claret 2004. Título original: Die deutsche ideologie, 1932.

MARX, K. **Para a crítica da economia política**. Prefácio. São Paulo: Abril Cultural, 1982, (Col. Os Economistas)

MERANI, A.L. **Psicologia Y Pedagogia: las ideas pedagógicas de Henri Wallon**. México: Grijalbo, 1977.

MORALES, P. **A Relação Professor-Aluno: o que é, como se faz**. 5 ed., São Paulo: Loyola, 2004.

MOROZ, M. e GIANFALDONI, M.H.T.A. **O Processo de Pesquisa: iniciação**. Brasília: Plano, 2002.

PATRÍCIO, P. **São Deuses os Professores? O segredo dos professores de sucesso**. Campinas: Papyrus, 2005.

PIMENTEL, M.G. **O Professor em Construção**. 10 ed., Campinas: Papyrus, 2005.

Portal Educacional. **Meu Professor Inesquecível**. E.educacional: a internet na educação. Disponível em <
http://www.educacional.com.br/professor_inesquecivel/professor_inesquecivel.asp >
Acesso em 10.11.2006.

ROHRBACHER, E. **Professores Bem-Sucedidos no Ensino Superior: influências na formação, concepções e contribuições**. 2005. 177p. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo.

RONCA, V.F.C. **Relações entre Mestre-Educando: modelos identitários na constituição do sujeito**. 2005. 170p. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo.

WALLON, H. **A Evolução Psicológica da Criança**. Lisboa: Edições 70, 1995.

_____. **Psicologia e Educação da Criança**. Tradução Ana Rabaça e Calado Trindade. Lisboa: Vega, 1979.

_____. **Psicología e materialismo dialéctico**. In: WALLON, H. **Objectivos e métodos da Psicologia**. Lisboa: Estampa, 1975a, p. 61-67.

_____. **Psicologia e Educação da Infância**. Tradução Ana Rabaça. Lisboa: Estampa, 1975b.

_____. O papel do outro na consciência do Eu. In: WEREBE, M.J. e NADELBRULFERT, J. (Org). **Henri Wallon**. São Paulo: Ática, 1986.

ZÉ, T. **Tropicalista Lenta Luta**. São Paulo: Publifolha, 2003.

ANEXOS

ANEXO A - ROTEIRO DA ENTREVISTA

- 1 - Por que você escolheu ser professor?
- 2 – Por que professor de Educação Física?
- 3 - Indique um ou mais professores da sua graduação que o marcou (marcaram) positivamente? Por quê?
- 4- Você se lembra de uma situação com esse (s) professor (es) que o marcou fortemente?
- 5- Quais as características desse (s) professor (es) que o marcaram?
- 6- Como era o desempenho dele (s) durante as aulas?
- 7- Você percebe em sua prática profissional marcas ou influências desse(s) professor (es)? Quais?

ANEXO B

Entrevista com Luci – 24 anos - formou-se em 2004

1- Porque é a coisa que eu mais gosto de fazer, ver alguém aprender.

2- Eu já gostava de dança, mas não pensava em ser professora de Educação Física até que uma pessoa chegou para mim e disse:

Olha, faz Educação Física, no caso a minha professora que eu admirava muito. E ela falou, faz isso porque o campo é maior, você vai ter mais coisas para trabalhar, você não vai ficar tão fechada só na dança, foi por isso que eu escolhi a Educação Física, foi um conselho dela. Ela representava muito para mim na época e aí eu resolvi fazer isso. No fim, acabei ficando na dança mesmo.

3- Ah! Lá na faculdade, eu gostava do Franco, do Roberto de natação...

Agora em outras épocas, minha professora de ballet, a Ana, nossa, meu exemplo de vida, e eu tive também uma professora chamada Cláudia, quando eu estava no segundo ano de escola, eu tinha uns 8 anos, ela era muiiiiiiiito legal. Ela era demais pelo comportamento dela, como ela tratava os alunos. Esses foram os professores que mais marcaram.

A Cláudia pela paciência, a Cláudia era paciente, tinha amor no que ela fazia e naquela época, eu estudava em escola pública e muito professor era antigo, punha de castigo, e a Cláudia tinha paciência não só comigo, mas também com as crianças mais problemáticas, com os meninos que mais davam trabalho.

A pesquisadora pergunta – Ela era professora de sala? Sim, de sala e não de Educação Física.

O Franco, pela inteligência dele, por tudo o que ele conseguiu. Eu admirava demais...

A forma como era simples, mesmo sabendo tudo aquilo, como ele achava aquilo natural, por tudo o que ele era. Foi isso que me marcou tanto.

O Lúcio também, pela paciência, pelo tanto que ele sabia, a forma dele ensinar, aquele jeito doce dele.

O Roberto, porque teve um cuidado comigo quando eu tinha medo de nadar; eu tinha muito medo, muiiiiiito e só ele soube me entender. Ele falava: eu estou aqui para o que você precisar. E ele me ajudou demais a vencer aquele medo, eu admirei como ele tratava...

A Ana foi outro caso, minha professora de ballet, ela era a minha força. Na época, eu era muito nova, e ela era uma pessoa muito forte, muito decidida; então, parece que nela eu encontrava coisas que eu ainda não tinha encontrado em mim. A gente era mais que a relação professora-aluna, ela sabia muitas coisas de mim. Ela tinha aquele lado forte dela que eu admirava, eu acho que eu queria conquistar, queria ser igual. Aquela coisa de não ligar para o que os outros falam... Então eu falava: nossa, quero ser assim... Acho que por isso que ela representou tanto. Totalmente diferente dos outros professores. Ela não era nem tão doce assim, nem tão paciente assim, mas ela era muito forte, muito, e eu falava: eu quero ser assim. Tanto na profissão dela, tudo o que ela conquistou e aquele jeito firme de ser que eu não tinha e eu achava muito legal.

Ela foi muito especial; ela me indicou para trabalhar em muitos lugares; no fim acabei trabalhando com ela, não deu certo; eu saí, mais ela foi uma pessoa que representou muito na época, até com coisas pessoais que eu tinha e ela falou: Levanta a cabeça e vai embora. E eu falava: se ela consegue, eu também consigo. Então foi muito especial mesmo. Acho que dos professores é a que jamais eu vou esquecer... Com certeza...

4- Por exemplo, no caso do Roberto, foi numa aula de mergulho, numa aula muito boba que todo mundo fazia e eu tinha muito medo. Todo mundo subia em cima da plataforma para mergulhar e eu não tinha condições; e eu agachei pertinho da piscina e ele ficou lá dentro, ele entrou na água e disse: vem que eu estou aqui. E eu, agachada, chorando, e ele: vem, vem... Ele ficou tanto tempo quanto precisou, e ele falava: eu estou aqui embaixo, não vai acontecer nada, chega bem pertinho com a cabeça, vai vindo e vem... Acho que isso foi o que mais marcou, a paciência, a insistência. Acho que aquilo, nossa, nem o Wille, que era muito legal, tinha aquele prazer que tinha o Roberto de ver uma pessoa vencer... E o que me surpreende é que eu fiquei sabendo muitas coisas dele como treinador, que ele era totalmente

diferente, muito severo, muito bravo. Mas como professor ele era o máximo. Ele sabia o que era um aluno, o que era um atleta.

Olha, do Lúcio, acho que eu não tenho nada específico, nada de especial...

A minha relação com ele era só assim de cumprimentar, de perguntar alguma coisa, mas eu gostava muito dele.

Do Franco, foi uma coisa que ele escreveu para mim, que eu achei muito legal, que eu falei da naturalidade com que ele tratava a inteligência dele. E eu escrevi para ele, dizendo que ele era o máximo, muito inteligente; aí ele me escreveu que se o mundo estava desse jeito, é porque tinha muita gente capacitada para ser médico, professor, para ser isso, para ser aquilo, mas não tinha coração, e que isso era coisa que ele via em mim. E ele escreveu isso e eu pensei: nossa... Achei mais legal ainda da parte dele. Mas não foi nada que a gente tratou pessoalmente.

Da Cláudia, não...

Da Ana, tem muita coisa, muita coisa legal... Vou dizer com relação à dança: uma vez ela me deu uma carona e ela falou para mim que ela sentiu que eu tinha medo de ser melhor que os outros. Ela falou que via isso em mim. Eu era muito nova ainda, e ela falou: eu acho que você tem medo de se destacar, e as pessoas começarem a se voltar contra você. E ela falou: não sinta isso, mostre tudo o que você tem. Eu achei muito legal. E ela realmente percebeu, e eu nem percebia assim. E ela falou: eu sinto que você não faz tudo aquilo que você pode, só para ficar igual aos outros. Mas eu tive várias situações, um caso super pessoal, um dia em que minha mãe falou ou meu namorado ou eu... E ela falou: olha, é o seguinte: é hora de você levantar a sua cabeça e ser você; chegou a hora de você sair debaixo da saia da sua mãe. Agora é a hora de você errar e depois você vai ver, mas você tem que ver por você. E ela foi essencial para mim.

5- Lúcio – o jeito dele de falar, calmo... Falava devagar, é muito engraçado lembrar isso, muita calma para explicar... (IMITOU O PROFESSOR FALANDO)

Ele era muito calmo, meu DEUS, e eu, irritada do jeito que sou...

O Franco – aquele jeito engraçado dele, sem vergonha... O jeito espontâneo de ser, de explicar as coisas de forma engraçada.

A Ana – muito forte, nervosa, mas tinha um coração enorme, mas era nervosa, nem um pouco meiga, nem um pouco de ficar te bajulando. Você sabia que ela gostava de você, mas ela não era desse tipo não.

A Cláudia, como eu disse, também falava mole, mesma coisa que o Lúcio, falava devagar, calma.

Já o Roberto, não também; se for pensar nisso, o Roberto não, ele era também muito engraçado, falava alto, tinha aquele jeito de chegar chegando.

6- Olha, a Cláudia era uma pessoa que eu não vou saber dizer porque faz muito tempo.

O Roberto era mais comercial, a aula dele era bem comercial, aquela aula atrativa, para todo mundo ficar com o nome dele marcado, aquele jeito engraçado de ser. Acho que isso é bem uma forma de vender o trabalho dele, o nome dele. Não que eu pense que ele não tem competência, ele tem, sim, mas é que essa é uma característica dele muito forte.

Da Ana, eu acho que ela tinha muito amor naquilo que ela fazia e com o tempo, eu fui sentindo que precisava de coisas novas e ela já não era suficiente, o que ela passava para gente. Acho que por eu ser professora, eu acabei até me comparando muito com ela, e isso nem foi bom. Mas ela ensinava devagar, era didática, organizada, não tinha nenhum problema; acho que só com o tempo, eu fui percebendo que eu precisava de outras coisas. Mas eu gostava do desempenho dela.

O Lúcio, eu o achava excepcional como professor, o jeito como ele ensinava, como eu falei, ele era muito didático. Tudo organizado, já sabia o que ia passar e isso aparentava. Tudo muito certinho, esquematizado.

Já o Franco, não; ele começava com um assunto, puxava para outro por causa de uma pergunta. E não era que isso não era legal, era legal sim.

7- Ahhhh! Com certeza, acho que muito a influência por aquele lado do coração mesmo, que é uma coisa que mexeu muito comigo. A importância de você fazer o aluno se sentir especial, porque realmente eu acho que isso é especial. O fato de uma pessoa te procurar para aprender ou estar aprendendo naquele momento com você, eu acho que isso é muito especial: acho que isso influenciou muito, mas ao mesmo tempo, o lado forte da Ana, por exemplo, me influenciou a não me prejudicar

de repente com algum problema que houvesse em aula. Eu trabalho hoje com adultos e tem gente que tem a opinião totalmente diferente da minha. Então, acho que nisso ela me influenciou um pouco pelo jeito firme de ficar sempre em você... Poxa, não se incomoda. Isso me influenciou muito, o fato da personalidade dela, não é nem da aula em si...

A Ana também trabalhava com MPB, e isso é uma coisa que eu faço até hoje nas minhas aulas. Ela gostava de trabalhar com música popular brasileira e eu sigo isso; eu aprendi isso com ela e acho muito legal. Acho uma iniciativa maravilhosa. Eu faço isso até hoje.

Do Lúcio, do Roberto e da Cláudia, acho que é mais o lado do coração, acho que eu nem vou saber dizer. Não sei, até mesmo porque eu não me comparo a eles pela inteligência que eles têm... O conhecimento, então, nossa, nem dá para chegar perto...

ANEXO C

Entrevista com Livia – 24 anos – formou-se em 2004

1 – Primeiro, porque eu sempre gostei de Educação Física; eu nunca quis ser professora de outra coisa. Eu sempre admirei os meus professores do colégio de Educação Física.

2 – Eu já queria ser professora de Educação Física.

3 – Na escola, eu sempre me espelhei em meus professores de Educação Física; eu olhava e pensava: é isso que eu quero fazer futuramente, desde o colégio...

Na faculdade, os que mais me marcaram foram o Jô e o Lúcio, de condicionamento físico. Os dois tinham bastante conhecimento, o que era notável; eles tinham um conhecimento muito grande daquilo que eles estavam lecionando, mas eles não só tinham conhecimento, eles conseguiam passar, de uma forma que todos os alunos entendiam. E eu percebia que não era só eu que gostava desses professores; a maioria dos alunos geralmente gostava, porque eles conseguiam explicar aquilo que eles estavam ali pra ensinar. Não era simplesmente um cara que tinha um título, mas não conseguia passar o conhecimento dele para a gente.

4 – Eu lembro uma vez com o Lúcio, que estava a maior zona na sala (a nossa sala fazia uma zona básica) e os outros professores mandavam para fora da sala. Ele exerceu a autoridade de uma forma que não foi autoritária, mas ele falou: olha, eu estou aqui para ensinar; eu quero ensinar vocês, mas se vocês não quiserem, tudo bem. Aí a sala ficou quieta e isso me marcou porque todo mundo tomou consciência; ele não precisou falar de uma forma grosseira, o jeito dele foi... A maneira como ele contornou a situação, foi isso que eu achei legal.

5 – O Jô, eu lembro que ele era muito carismático, e a maioria dos alunos ele conseguia cativar para a aula dele; ele era muito alegre, extrovertido, muito legal. O jeito que ele dava exemplos da aula era bem do nosso dia-a-dia; então facilitava a nossa compreensão.

Agora, do Lúcio, acho que o diferencial dele era que ele tinha um coração de professor, sabe? E você via que ele estava lá porque ele amava, ele gostava de ensinar mesmo. E eu o admirava ele por isso; além dele ser carismático, simpático. Não era uma pessoa grosseira; ele era bem humilde também. Isso me marcou muito assim...

A pesquisadora pergunta – o que é ser carismático para você?

Eu acho que é a pessoa conseguir cativar as outras, ter empatia. De a pessoa chegar depois de um mês e todo mundo gostar dele: você vai ter aula do Lúcio, que legal...

6 – Eu lembro que nunca foi uma aula maçante; eram aulas bem motivadoras, apesar de terem várias matérias que eram meio difíceis de entender, eles faziam de uma forma gostosa de aprender, não era aquela coisa de simplesmente: vou passar a teoria e você absorve se você puder... Não, quando tinha dúvida, ele parava, a gente podia perguntar, a gente não tinha medo de perguntar, sabe, de colocar as nossas idéias. Tem professor que você fala, você nem consegue levantar a mão ou falar... Mas ele não, a gente sentia liberdade de perguntar e de trocar idéias e isso era muito legal.

7 – Eu tento me espelhar neles, tanto para ser mais democrática, não ser estúpida, porque às vezes a gente acaba sendo, e eu sempre me lembro deles. É um espelho. Eu gostaria muito de no futuro ser uma professora que fosse admirada como eles. Eu tento em minhas aulas ser carismática, ser humilde e tento passar aquilo que eu sei e não pensar assim: eu sei, e vocês não...
Esforço-me, como eles faziam, para as crianças aprenderem mais.

ANEXO D

Entrevista com Luis – 37 anos - formado em 2004

1 – Então, bom, eu identifiquei em alguns momentos da minha experiência profissional que eu gosto de explicar as coisas para os meus colegas. No cursinho... Eu também tive a oportunidade de lecionar no Colégio Estadual, surgiu uma oportunidade na área de exatas que eu tenho afinidade também, aí eu fui lá, gostei. Foi um desafio...

Bom, na faculdade, na hora de estudar junto, para mim era um prazer tentar explicar da forma que o outro, a outra pessoa entendesse, não da forma exatamente como eu entendi. Isso eu acho que é legal, acho que é uma qualidade importante. O que eu fazia? Eu tentava entender qual que era a sua dificuldade, o que é que ele não estava entendendo. Para eu poder ver se eu conseguia explicar, e com isso, esse exercício também era legal porque aí eu descobria onde que eu não tinha certeza das coisas, que a hora que eu ia explicar... Isso aqui eu não sei bem, eu estou em dúvida. Aí eu sabia que eu tinha que ver melhor aquele ponto. E relacionado com a Educação Física...

2- A atividade física sempre esteve presente. Eu gosto, eu sinto prazer, me dá vontade de praticar atividade física. Várias... Na minha infância, eu brincava o dia todo na rua, então tinha muito movimento, eu gosto disso. Eu gosto de jogar futebol, eu gosto de jogar vôlei, correr, eu gosto de musculação. Fiz Karatê um tempão; achei que ia ser professor de karatê; aí depois por um tempo, eu achei que tinha que abandonar um pouco esse sonho e investir numa área profissional que me desse retorno financeiro, por isso eu fui para a área de informática e conquistei isso. De uma certa forma...

No lado financeiro, mas passaram-se uns dez anos mais ou menos e eu comecei a entrar em outra fase que eu pensava: é isso mesmo que eu quero? E agora? Tenho que desenvolver mais? Como eu posso fazer para desenvolver mais? Eu não estou totalmente contente com isso... Aí eu comecei a procurar outra coisa e comecei a fazer Educação Física para descobrir o que eu gostava, se eu tinha afinidade com aquilo, e eu gostei. E eu vi na Educação Física uma oportunidade de trabalhar com ensino, que é uma coisa que eu tenho alguma afinidade, e também é uma coisa que

pode beneficiar diretamente as pessoas, que é uma outra preocupação que eu tenho também. De um tempo para cá eu procurei a me interessar por isso também: o que fazer para me dar prazer, e uma das coisas que eu sei que eu me sinto bem é fazer coisas, as mais variadas possíveis, que ajudem outras pessoas; o ensino é uma delas.

E uma outra coisa: na Educação Física, também, uma das opções, acho que muita gente entra e acaba assumindo, é para parte prática mesmo, numa academia, num colégio ou então num clube... Essa parte eu gosto, mas eu gosto mais de praticar... E outra que não necessariamente, mas as empresas também, elas costumam preferir aquele aluno que era mais novo; como eu já tinha mais idade, talvez eu levasse desvantagem; e outra coisa: a remuneração financeira também não é grande. Eu ia ter que trocar a profissão que eu já tenho, eu já estou bem encaminhado, para começar numa outra e não era bem isso que eu queria. Eu não queria ficar me desgastando fisicamente. Aí a licenciatura num nível superior. Por que também não num colégio? No Colégio eu também gostei durante o estágio, só que eu acho que eu gosto mais da parte do ensino superior por causa das disciplinas. Fisiologia... A aula é diferente, você vai desenvolver o conceito com adultos, é um outro público. Então eu acho que eu me identifico mais com isso.

A entrevistadora pergunta –

Hoje você trabalha só com informática?

Com Informática e com aulas de esporte (corrida).

E você fez estágio em Educação Física?

Sim

E você participou mesmo das aulas?

Sim, participei e foi interessante porque, como eu não trabalho na área, foi uma forma de me aproximar e ter uma experiência; só que lá no Colégio onde eu fiz estágio, os professores gostaram também do que eu fiz, então eles quiseram me oferecer oportunidade, só que não era o que eu queria; então eu cheguei até a indicar outras pessoas, os colegas da faculdade, então eu acho que foi legal...Foi válido.

3 – Eu me lembro de alguns. Alguns deles estão relacionados com a área que eu tenho mais afinidade que é fisiologia, fisiologia do exercício; eu gostava do professor...

O Lima era um professor de quem eu gostava porque, é uma qualidade que eu valorizo também e procuro fazer, que é organização daquilo que você tem que apresentar. Eu gostava da forma com que ele organizava e se preocupava. Para mim, aquilo representava respeito pelos alunos, uma dedicação, uma entrega com aquilo que ele faz, é gostar daquilo. É isso que eu quero também e eu estou buscando, uma profissão, uma atividade que eu tenha essa vontade de exercer com paixão, de querer fazer mais e melhor, e não porque eu simplesmente estou empregado naquele lugar. Porque aquilo me dá prazer, o fato de eu fazer aquilo me dá prazer, já é suficiente para eu ter motivação.

Outro professor que eu gostava assim também nessa forma de...

É, na verdade, acho que assim: um exemplo de luta, de superar dificuldades, é o Gustavo que teve bastante dificuldade, superou tudo; então isso também serviu de exemplo para que a dificuldade que a gente tem, não pare; vá fazendo o que precisa, na hora que for a hora certa vai acontecer, se tiver que acontecer... se não, vai acontecer outra coisa e assim. Isso assim que me vem a cabeça é esse.

Tem também a professora Wilma, apesar de algumas aulas eu achar que não era tão fácil, porque o tema era mais difícil, mais ela procurava, e é isso também que eu pretendo... Procurava buscar uma forma que facilitasse o entrosamento entre o professor e o aluno, então eu achei isso importante.

Achei que foi legal. Que mais?

Um outro professor que eu acho legal, que me influenciou positivamente, porque em todas as experiências que eu tenho eu procuro seguir de exemplo as coisas que eu acho legal; então, o professor de ética, eu gostava dele quanto à seriedade que ele tem com o trabalho, apesar de achar que ele se excedia muito na seriedade, mas eu achava legal, pelos mesmos motivos do Lima que eu falei, que ele respeitava, se dedicava... Com o Paulo também nesse quesito de seriedade do trabalho, de encarar como uma coisa profissional, então nesse lado também eu achava legal e é um lado positivo. E deve haver outros que eu não lembro agora.

4 – Eu me lembro de uma situação no segundo ano que nós mudamos de sala, foi com o professor Vieira. O pessoal não gostava e eu também não gostava do método

que ele aplicava (em todas as aulas, o professor usava um retroprojektor, e a aula inteira, os alunos passavam copiando o conteúdo da lousa; ele era chamado pelos alunos de retroprofessor), mas ele acredita naquilo, e ele faz porque ele acha que é melhor. Mas nós tivemos um problema com ele na mesma semana em que ele teve um problema com uma outra sala. O pessoal começou a reclamar desse método dele. Aí o que aconteceu: na outra sala, o pessoal levantou e começou a discutir com ele, até ele cogitou durante um tempo não dar mais aula, ele se sentiu ofendido. Na nossa sala foi diferente, porque eu na época era o representante e acho que ficou mais alguém comigo, não lembro quem... A gente esperou o pessoal sair da sala e ficamos só nós três: eu, o professor e um outro colega que eu não lembro o nome. Aí nós explicamos para ele a situação; foi então que ele falou para a gente que ele acredita naquela forma e que ele acha que é assim mesmo... Mas ele nos ouviu e respeitou. O fato de ele ouvir a crítica foi legal, mas acho que isso também é um processo de ação e reação. Ele também fez isso porque a gente também se preocupou em não expor o professor na sala e jogar ele na fogueira. Ele até comentou isso na nossa sala. Isso foi super legal porque eu acho que já tinha acontecido em outra sala e foi legal.

5 - O Lima, por exemplo: organizado, pontual, dedicado, preocupado com a postura, com o visual que ele passa para as pessoas. Acho que é uma preocupação profissional, e aquela imagem dele é importante.

Wilma – aquela forma dela procurar transmitir de uma forma próxima do aluno, falar na linguagem do aluno, tentar se aproximar dele. Acho que isso é uma qualidade boa. Acho que se chama empatia. Você tenta se colocar no lugar da pessoa; ela tentava falar numa linguagem parecida para ter um entendimento melhor. Simpatia e bom-humor. Então, o bom-humor eu também acho super importante.

Então, eu não tinha falado, mas agora eu me lembrei de um outro professor que eu acho super legal e isso também eu procuro trabalhar, que é procurar organizar as idéias de uma forma simples e coerente para passar para os alunos. De forma organizada, e que essa forma organizada pode prender o aluno também. O Dudu, professor de psicologia, apesar da matéria dele ser teórica e tal, ele falava de uma forma tranqüila, era calmo e conseguia desenvolver os tópicos; uma vez ou outra algum aluno exagerava, atrapalhava, mas no geral, ele conseguia transmitir aquilo que ele queria sem precisar se exaltar ou ameaçar com algum ponto negativo,

alguma coisa assim e isso eu também acho legal. Ele falava com os alunos sem precisar da força que ele como professor tem. Ali, o professor é a pessoa que está comandando, como na aula de didática, a gente aprendeu que tem vários tipos... Tem aquele, não lembro os nomes agora, mas tem aquele que pensa: eu sou o melhor, eu que tenho poder e vocês aí ouvem e fazem. Não... Ele não era esse tipo; ele dominava a sala pela forma de transmitir o conceito, então ele não precisava se impor pela força.

Do Gustavo posso lembrar do bom-humor e do Paulo, a seriedade.

6 - O Dudu ensinava de forma organizada, pausada, era coerente e organizado. O Lima também, até pela forma como ele trazia o material todo organizado, até era referência para ele dar aula. A Wilma, eu achava que ela improvisava, às vezes eu a achava meio atrapalhada, mas acho que pelo fato dessa forma dela, talvez seja a própria técnica dela; talvez ela tenha só o ponto a ser discutido, mas ela fica monitorando. Acho que por isso eu a achava um pouco atrapalhada. O Paulo, o lado da seriedade eu achava legal, só que durante as aulas, eu achava que faltava um pouco de planejamento, porque muitas aulas nós ficamos sem conteúdo para discutir; parecia que ele tinha corrido um pouco num determinado ponto e no outro dia a gente ficava sem conteúdo. O tema já é pesado; sem conteúdo, parecia que a gente ficava ali só para passar o tempo, só para esperar ele fazer a chamada, como realmente acontecia algumas vezes. Esperava ele fazer chamada, ele dava as notas, falava alguma coisinha e fazia a chamada de novo, essa era uma característica.

O Gustavo, eu também acho organizado; ele colocava umas piadas, usava do bom-humor.

7 – Então, eu acho que geralmente aquela que a gente identifica mais, que ou você tem ou gostaria de ter; uma coisa que eu aprendi é que às vezes uma característica ruim na outra pessoa, que você avalia como ruim, te agride, porque você também tem um pouco. Então, às vezes você é ansioso, alguém é ansioso e aí você fica incomodado com aquilo. Pode ser que o fato de estar incomodado é porque você é ansioso. Bom, outras coisas são qualidades que você gostaria de ter para procurar ser daquela forma. Eu acho que para a gente conseguir, a gente tem que praticar, até que essa prática se torne um hábito que você comece a fazer sem você se sentir

obrigado ou ter que lembrar que tem que fazer daquela forma. Você tem que praticar. Você tem que exercer isso, o tempo todo, no início lembrando o que você tem que fazer, até que isso fique de forma natural. Uma das coisas que eu procuro fazer é sempre estar de bom-humor.

O comprometimento com o trabalho, isso eu acho que vale para qualquer profissão, não só para Educação Física. Responsabilidade com aquilo que você se propõe a fazer, não que você tenha que saber tudo, mas você se compromete a procurar saber. Não tenha medo de dizer eu não sei, diga que não sabe, mas diga que irá procurar saber. Isso é importante. Procurar sempre organizar aquilo que eu vou fazer, apresentar. Procurar antes de uma apresentação, por exemplo, se você vai levar alguma mídia, cd, disquete, procurar fazer uma cópia de segurança, testar o equipamento antes que você vá usar, para não deixar na hora H...

Ter respeito pelas pessoas com quem você entra em contato.

A pesquisadora pergunta -

Agora, lembrando dos professores que mencionou na entrevista, consegue me dizer algumas das características deles que te chamaram a atenção?

Do Dudu, o que me chamou mais a atenção foi a tranquilidade para passar o conhecimento.

Da Wilma, o jogo de cintura, para poder se adequar às situações que sempre vão acontecer de modo diferente.

Do Lima, toda essa organização para encarar aquela atividade de forma profissional, preparando material, procurando fazer da melhor forma, apresentando alguma coisa de qualidade que faz marcar legal.

Do Paulo, a seriedade com o que você está fazendo. Só que não precisa exagerar...

Do Gustavo, a vontade, a força de vontade para superar as dificuldades.

A pesquisadora pergunta - que dificuldades?

Na vida dele, para ele conquistar, para chegar aonde ele chegou, ele teve bastante dificuldade para conseguir estudar; ele não tinha dinheiro para comprar o livro. Ele queria ter dinheiro para comprar os livros.

ANEXO E

Entrevista com Eva – 24 anos - formou-se em 2004

1 – Pelo histórico de educação na família, influência da mãe, tias... Eu sempre quis trabalhar com educação.

2 – Por conta da influência de um professor no Ensino Médio, professor de Educação Física, e por conta de eu sempre praticar esporte durante a infância e adolescência me fez querer trabalhar com Educação Física.

3 – Foi o professor de Ensino Médio, que era professor de Educação Física. Ele era muito voltado para questões que a gente teve na faculdade ultimamente; não era aquele professor que sempre privilegiava os melhores, mesmo porque eu me destacava nos esportes, mas ele não tinha essa preocupação, sempre teve uma visão muito mais humanista, muito mais de cooperação, e ele era um super professor com uma proposta de trabalho muito boa dentro da escola. A escola em que eu estudei também tinha uma proposta muito boa em Educação Física, e com esse professor durante o Ensino Médio, eles criaram alguns projetos. E aí você escolhia qual quisesse... E um desses projetos era o de Educação Física e eu fui fazer e era maravilhoso, porque a gente começou a entender como trabalhar com a Educação Física e não só estar na visão de quem está tendo aula, mas de quem está dando aula. Foi muito bom, porque a gente desenvolveu esse projeto com as próprias crianças mais novas dentro da escola, então a gente estudava; só que por ser mais velhos, a gente já estava tendo vivência com os alunos mais novos, desenvolvendo atividades, vivências, organizando intervalo das crianças. A gente ia algumas tardes na escola e organizava todo o recreio, todo o espaço livre, e na aula de Educação Física, a gente sempre dava uma mão. Inclusive algumas vivências que a gente fez fora da escola: o professor pegava o grupo de alunos que estava participando do projeto e levava para organizar atividades em colégios do estado, em colégios com alunos surdos-mudos e a gente começou ter esse contato muito cedo, coisa de segundo, terceiro colegial. Foram dois anos que a gente ficou trabalhando junto com esse professor, e aí o que aconteceu? Quando eu me formei no Ensino Médio, eu já estava pendendo muito para esse lado da Educação Física,

sendo que nessa escola onde eu estudei tinha uma escolinha de esportes, já tinha toda uma proposta de trabalho para essa escolinha, para a gente trabalhar lá assim que começasse a faculdade. Então, o que aconteceu? Eu me formei no Ensino Médio e entrei direto na faculdade, e no mês seguinte, passando as férias, eu já estava voltando para trabalhar na escola que eu dava aula, foi muito bom. Eu comecei a dar aula na escolinha de esportes e depois fui dar aula no período curricular também como forma de estágio, mas eu aprendi muita coisa, um super colégio.

O projeto pedagógico de Educação Física nessa escola é muito bom; se não fosse por isso, talvez eu nem teria conhecido esse professor e nem teria tido um contato tão próximo com isso. Porque a visão que se tem de educação física é isso: só o melhor, só quem ganha, só campeonato, e eu aprendi por essa escola e por esse professor, professor Rinaldo, que não era bem assim.

O Rinaldo como pessoa era fantástico, super carinhoso, atencioso, super preocupado. E também como profissional dez mil vezes melhor; então era um professor que participou ativamente da minha formação de acordo com a maneira profissional e também na questão pessoal, porque adolescência é aquela fase de (...), você sempre quer a busca de um ídolo, quer sempre ter algum exemplo. O Rinaldo foi o cara em todos os sentidos; ele é o cara no sentido pessoal e profissional. Muito bom.

Entrevistadora pergunta – e na graduação, algum professor te marcou positivamente?

Tem sim, tem algumas lembranças e influências, mas nada se iguala à importância que teve o Rinaldo, não é? Mas vamos prosseguir...

Uma das professoras que me chamava muita atenção, nossa, era uma professora que não chamava a atenção de ninguém, era uma pessoa super arrogante, super culta, e eu era fissurada pelas aulas dela; seu nome era Lana e ela dava Educação Física escolar, que já era uma disciplina que eu gostava e ela fazia uns ganchos nas aulas que eram fantásticos, que eu sempre gostei muito de artes plásticas, e ela pirava, ela chegava na sala, um bando de estereótipo de educação física, na versão masculina, o homem que era o bad boy e a mulher que era a feiticeira; ninguém tem essa vivência com arte, com cultura, é bem estereotipada essa faculdade mesmo,

parece até preconceito, mas não, é maioria mesmo. Quem fez, sabe. Mas enfim, ela chegava, colocava um quadro do além na lousa e começava a questionar. O que este quadro tem a ver com a educação física ou uma situação de aula e ela começava a colocar o povo para pensar; só que poucas pessoas se colocavam ou comentavam sobre nada e eu comecei a entender qual era a dela, porque tinha uns ganchos muito abstratos, se você não pára para pensar, passa batido, mas eu achava fantástico, porque ela trazia para a aula, para a situação de aula, para a situação de escola toda a questão da arte mesmo e era uma coisa fantástica que ela fazia. Eu tenho certeza de que para 90% da turma, era uma aula que era sacal, só que eu achava o máximo, uma pessoa super culta e fazia relações em que pegava todos os períodos da história da arte; era fantástico, eu adorava ela, essa com certeza foi a que mais me marcou...

A outra professora era a professora Maria, que era uma chata, uma louca, uma neurótica, neurótica, só que a outra disciplina dela que eu também gostava para caramba que era didática e prática de ensino, muito mais voltada para a questão educacional. Só que assim: a Maria sem dúvida é a pessoa mais chata que eu já vi. Mas ela dava uma super aula, que por ela ser certinha, metódica, ela conseguia organizar muito bem a teoria com a prática e era muito legal, aprendi muito com ela. Mas a Maria, tenho certeza que só pelo profissional e não pelo pessoal, já com a Lana nem tanto já era uma coisa mais legal, mas também era super arrogante, não tinha relação com ninguém na faculdade; entrava, dava aula, não falava com ninguém e saía fora. Elas marcaram mais pelo profissional e não pelo pessoal, diferente do Rinaldo.

4 – Vou falar mais do professor Rinaldo, porque a gente tinha relação mais próxima mesmo, não era só aquele ambiente de sala de aula e quando acaba aula vai embora e acabou. O Rinaldo tinha uma frase chavão que marcou muito, a minha geração inteira e não só a mim. Sempre que tinha uma situação polêmica, alguma coisa duvidosa, com lados positivos e negativos, ele fechava a discussão com a frase: o importante é ser feliz.

Ele matava assim; então, sempre quando a coisa começava a enroscar, criar discussão, ele fechava: o importante é ser feliz...Tipo, faça o que quiser, entendeu, desde que você esteja bem sem ferrar com os outros, e isso é o segredo da vida, o importante é ser feliz e acabou.

Eu lembro uma parte da Lana; uma vez ela chegou e colocou um quadro, foi postura dela, extremamente arrogante, tipo eu sei de tudo, eu gosto de arte e vocês são um bando de trouxas que escolheram fazer Educação Física, um bando de burros, marombados e ignorantes, e eu lembro que ela chegou na sala e colocou um quadro e falou assim:

Se alguém aqui da sala, se uma pessoa só souber de quem é esse quadro, eu vou dar um ponto na média de cada um de vocês, tipo, tenho certeza de que ninguém vai saber. E eu lembro que eu sabia que quadro era, que era “A Dança” do Matisse, entendeu? Aí eu falei e acabou com a moral dela; eu lembro que eu até fiquei quieta para ver se alguém falava e ela foi crescendo para cima de todo mundo, aí ela calou a boca porque ela jurava que ninguém iria saber e eu sabia porque era uma coisa que eu gostava também.

Pesquisadora pergunta - e ela deu o ponto?

Deu nada, era só para tirar sarro.

Da Maria, nada muito marcante, eu lembro que ela era extremamente exigente.

5 – Maria – extremamente exigente, metódica, certinha, cobrava muito, sempre com aquela história de ponto positivo, ponto negativo, detalhista, para quem quer aprender é fantástico porque quem gosta se esforça e é linha certa, mas ela era meio chata por conta disso, mas era uma ótima professora.

A Lana era super-arrogante, eu tinha a impressão que ela se achava melhor que os outros.

O Rinaldo era super sensível, super cuidadoso com todas as colocações dele, ele era o psicólogo da turma, embora a gente não possa fazer muito essa confusão de professor com psicólogo, mas ele sempre permitia que os alunos tivessem uma relação mais próxima com ele, ele estava sempre à disposição, sempre falando, sempre amigo mesmo, super humano, super carinhoso, super construtivo um super cara cabeça.

6 – Maria era assim: terminava a frase no caderninho, era a frase que ela ia começar na aula seguinte, super correta, super metódica, tinha os módulos das aulas, a aula número x era super certinha, tinha uma rotina bem detalhada e aí sempre tinha a parte expositiva da aula, de explicação e depois ela montava geralmente os grupos

e encaminhava sempre de acordo com o tema que ela tinha dado em aula para montar um trabalho e depois ser apresentado para a turma.

A Lana era mais expositiva, não tinha muito trabalho, não tinha muito contato prático com a turma, era mais uma questão histórica da parte de Educação Física, de brincadeiras, mas era sempre voltada para arte; eu acho que ela tinha um gosto muito grande pela arte, então ela conduzia as aulas por essa questão que me chamava a atenção, pois é uma coisa que eu sempre adorei. Mas ela sempre aparecia com uma pintura, um quadro, uma gravura, alguma coisa e começava a aula com uma discussão e perguntava o que a turma imaginava e abria uma discussão para a aula.

O Rinaldo, o que eu me lembro dele é a aula de Ensino Médio; a gente fazia um resgate da cultura popular, sempre tinha alguma brincadeira antes, uma queimada, um pique bandeira e depois a gente ia praticar o esporte bimestral, hand, basquete, futebol, vôlei, enfim, de acordo com o bimestre ou com o módulo.

7 – Olha, das duas da graduação, eu acho que não, porque era um conteúdo mais voltado para a Faculdade, embora com as aulas da Maria, eu tenha a influência teórica, não exemplo de aula prática, todos os métodos: global, parcial, misto; as coisas que a gente aprendeu com a Maria são muito usadas pela questão teórica, não como exemplo de aula.

Com a Lana, nem tanto influência direta na aula; agora com o Rinaldo também, mas pouca coisa porque eu trabalho hoje com primeira a quinta série e o que eu aprendi com o Rinaldo foi Ensino Médio. O que me marcou muito, acho que a minha maior influência para as aulas que eu dou hoje, foi durante o meu período de estágio que o professor era... (eu fazia estágio de primeira a quarta) também um super professor; eu o odiava pessoalmente, era um cara que eu queria vomitar, mas era um super professor, não lembro o nome dele, e eu aprendi muito com ele, acho que a influência direta como modelo de aula, como dinâmica de aula, até exemplos de atividade, acho que foi com esse professor, mas os outros três nem tanto, acho que dos três e a Maria, pela formação das aulas e inclusive pelo plano de aula que a gente aprendeu a fazer com ela.